

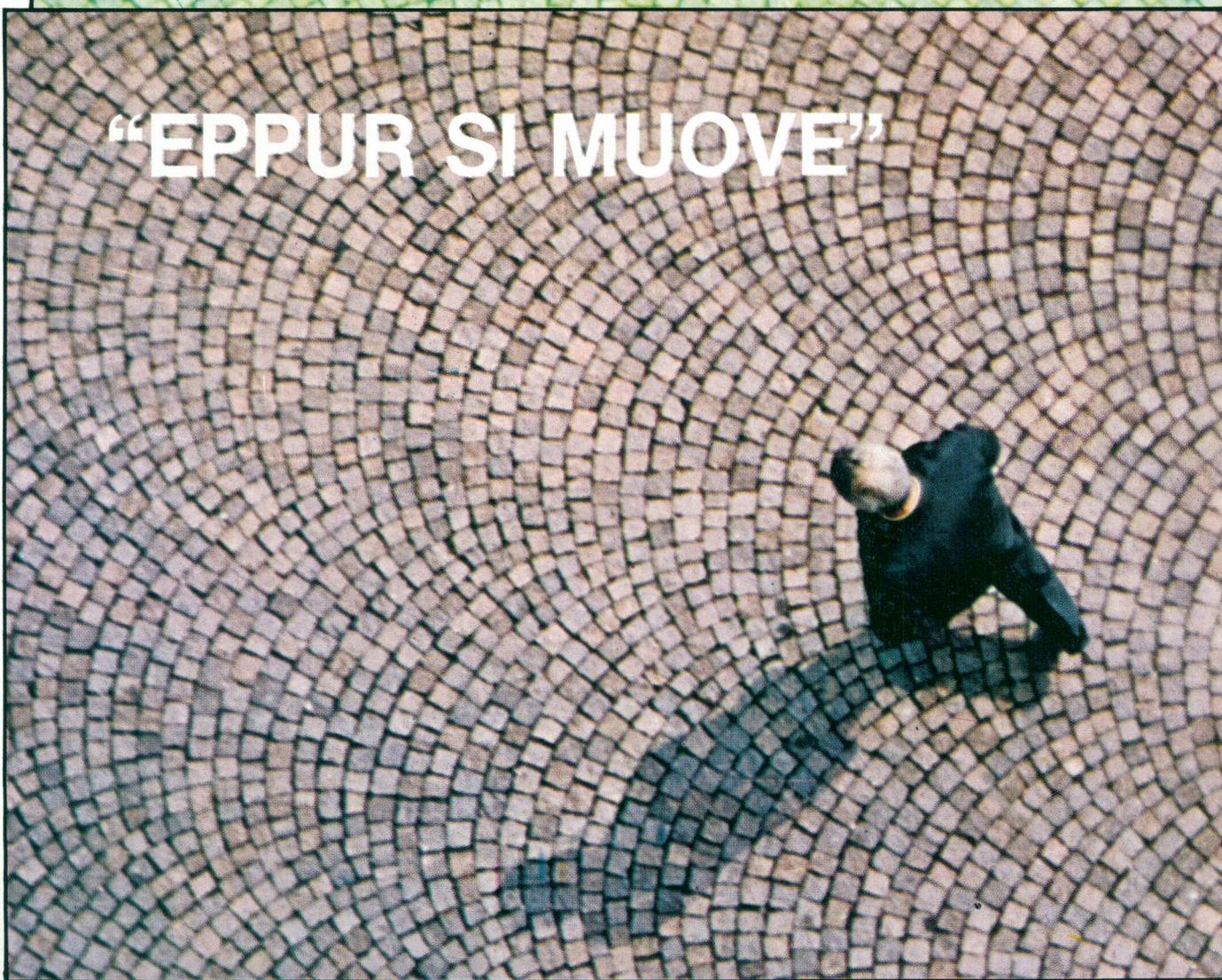
amm

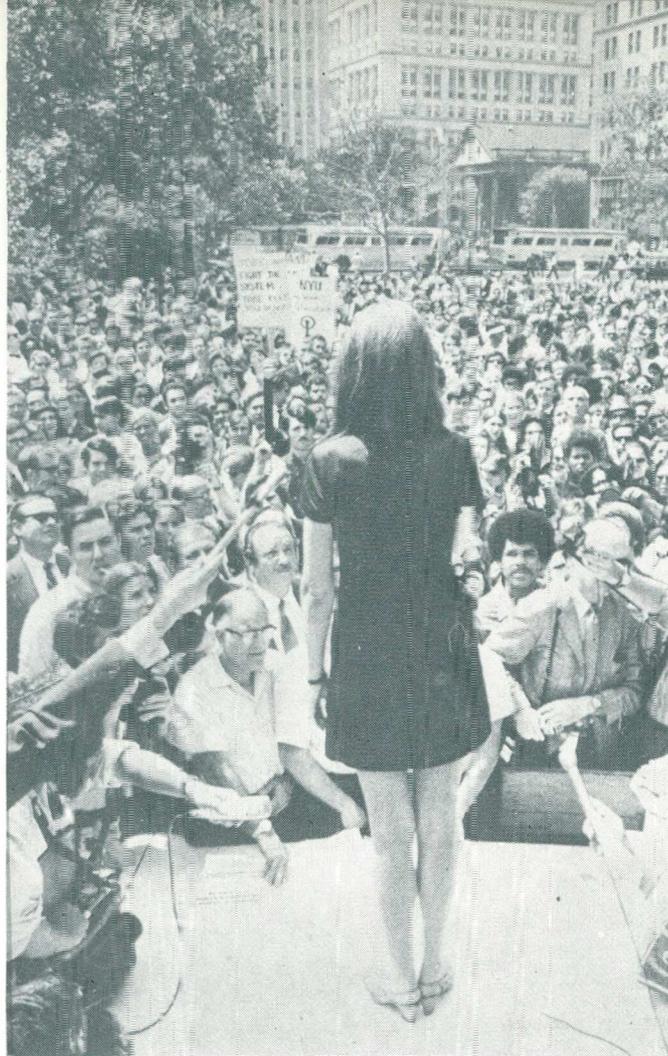
AVE MARIA — REVISTA MENSAL — ANO LXXXVII — Nº 7
JULHO 1985 — Cr\$ 2.400

DIREITOS HUMANOS: O DIVINO NO HOMEM

CONVITE À REFLEXÃO

“EPPUR SI MUOVE”





Direitos Humanos

19

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, juntamente com alguns textos bíblicos e pronunciamentos oficiais de Igrejas cristãs, aqui apresentados, servem de subsídio para os que desejam conhecer melhor, estudar e discutir os Direitos Humanos.

ARTIGO XIX. Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão. Este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

“Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva!

Então, sim, poderemos discutir, diz o Senhor” (Isaías 1, 17-18 e 43, 26).

“Proclama a palavra, insiste, no tempo oportuno e no inoportuno” (2 Timóteo 4, 2).

“Nunca ninguém pode dizer que compreendeu a verdade inteiramente e a definiu com determinadas fórmulas” (Paulo VI, 12-8-1972).

Para contrabalançar uma tecnocracia crescente, torna-se necessário criar formas de democracia modernas, que não somente proporcione a cada homem a possibilidade de se informar e de se exprimir, mas também que o leve a comprometer-se numa responsabilidade comum (Paulo VI, Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*, 1971).

Toda pessoa deve ter o direito de expressar suas convicções religiosas, éticas e políticas. Isto é especialmente importante para os que pertencem a grupos minoritários (*Declaração da II Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas*, Evanston, 1954).

Leia também:
Pv 15, 23.

PARA REFLETIR E DISCUTIR NOS GRUPOS:

1. O que quer dizer liberdade de opinião e expressão?
2. Você conhece alguém que foi calado à força por ter exprimido a sua própria opinião? Como se deu tal caso? Quais as providências tomadas se a resposta for positiva?

SUMÁRIO

- 4 • **A IGREJA NO MUNDO**
Fatos e acontecimentos na vida da Igreja.
- 6 • **CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e de religião.
- 7 • **CONVITE À REFLEXÃO**
Nota da Presidência e Comissão Episcopal de Pastoral - CNBB.
- 8 • **"EPPUR SI MUOVE"**
Alteram-se os fatos, não a história.
- 9 • **DIREITOS HUMANOS: O DIVINO NO HOMEM**
O homem tem direito à liberdade.
- 10 • **A DIGNIDADE HUMANA CORRE PERIGO.**
- 11 • **AME-SE**
Queira bem a você. Cuide-se.
- 12 • **CLAMOR LATINO**
A Igreja necessita de cristãos que deem o real testemunho de cristianismo.
- 13 • **MENSAGEM AOS JOVENS E ÀS JOVENS DO BRASIL**
Os bispos do Brasil voltam a atenção para a pastoral da juventude.
- 14 • **JOVENS DE FÉ**
Os jovens estão redescobrimdo o valor da oração na vivência no amor de Deus.
- 15 • **PASTORAL DA JUVENTUDE COM EQUILÍBRIO**
Respeito ao jovem e à sua maturidade.
- 17 • **UM SACRIFÍCIO CHAMADO EUARISTIA**
Quando se compreende e se vive a Eucaristia, corre-se perigo.
- 19 • **UMA MESA PARA TODOS**
O banquete eucarístico é um amável convite feito por Deus a todas as pessoas.
- 20 • **AMOR E ÓDIO-DECISÕES**
Amor e ódio são sentimentos que se completam na opção.
- 21 • **OS 220 MIL ÍNDIOS DO BRASIL QUEREM VIVER**
Na Reforma Agrária os índios são os primeiros atingidos.
- 22 • **PALAVRA DO PAPA**
- 23 • **RÁDIO DO POVO**
A única rádio onde você pode falar.
- 26 • **PROVIDÊNCIA E ORAÇÃO**
A história de um povo se faz pela vontade coletiva e pela Providência divina.
- 27 • **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
Um primor de organização.
- 29 • **PROGRAMA SÍLVIO SANTOS**
Ensinos que estão por trás de programas aparentemente ingênuos.
- 30 • **BEATIFICAÇÃO DO PE. BENTO MENNI**
- 31 • **CHEGA DE COOPERAR COM A NEGAÇÃO DO ALCOÓLATRA**
Auxiliar o alcoólatra a partir do momento em que ele decide tratar-se.
- 33 • **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUARÍSTICA**

EDITORIAL

"É para a liberdade que Cristo nos libertou"

A vida é mais vida na medida em que ela se desdobra na liberdade. E nela, mais do que nunca, aparece o ideal do projeto de Deus que Jesus Cristo revela: "É para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei, portanto, firmes e não vos submetais outra vez ao jugo da escravidão" (Gal 5,1).

A Igreja, por sua vez, enquanto comprometida na construção do Reino de Deus, tem por missão anunciar a libertação a todos os homens e denunciar a escravidão que existe no meio de todos os povos. Caminhando para o ideal, mas tendo sempre os pés na realidade histórica.

A visão e o julgamento evangélicos da realidade são anteriores ao anúncio e à denúncia; portanto, as reflexões e os estudos, que visam iluminar os caminhos que conduzem à liberdade cristã, são acolhidos como valores indispensáveis à Igreja. O pluralismo existente na investigação, no pensamento, na expressão das idéias é a prova de que a Igreja é a pátria da liberdade (cf. GS IV, 62). A diversidade vivida na caridade enriquece a Igreja e dá amplitude ao seu sentido de catolicidade (cf. LG 13; GS 43, 44, 62; VR 4,17).

Neste número alguns artigos nos ajudam a refletir sobre os passos que damos como povo de Deus em marcha para o Reino. Leia: "Convite à Reflexão"; "Eppur si Muove"; "Direitos Humanos, o Divino no Homem" e "A Dignidade Humana Corre Perigo".

A vivência cristã se cristaliza no amor cujas obras revelam a fé verdadeira no Deus que salva porque ama. Leia "Ame-se" e "Clamor Latino".

O Ano Internacional da Juventude continua. O tema sobre os jovens, "Mensagens aos Jovens", dos bispos do Brasil, descreve a esperança do episcopado na jovial coragem e disponibilidade à verdade e à justiça de nossa gente jovem. Também sobre os jovens: "Jovens de Fé" e "Pastoral da Juventude com Equilíbrio".

Estamos no mês do Congresso Eucarístico Nacional, que vem lembrarnos o mistério do Cristo em permanente aliança com os homens e comprometido com a humanidade. Ajudam-nos a compreender esta realidade os artigos: "Um Sacrifício Chamado Eucaristia" e "Uma Mesa para Todos".

Há irmãos nossos que caminham conosco no caminho da vida, mas que gradativamente são-lhes roubadas as terras. São os nossos índios. Veja a situação atual do índio brasileiro em "220 Mil Índios do Brasil Querem Viver".

Uma reportagem sobre a voz popular proclamada e divulgada em alto e bom som: "Rádio do Povo: a única rádio onde você pode falar".

Para que a nossa vida de fé em Jesus Cristo que salva e liberta seja na prática sal e luz, estes são os passos que devemos dar: ver os fatos que cercam a vida do povo de Deus; julgar sua história sob a luz do Evangelho; trabalhar com perseverança e espírito fraterno na construção da justiça, da verdade, da alegria e da paz.

P.C.G.

am
avemaria

□ AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob nº 50, no R.T.D., sob nº 67, e na DCDP do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. □ Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP □ Composição, Fotolito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda, Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo. □ A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. — Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio. A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas por banco e pelo correio. □ Preços: Número avulso: Cr\$ 2.400 - Ass. Anual: Cr\$ 24.000 - Ass. de Benfeitor: Cr\$ 40.000.

Diretor de Redação: Cláudio Gregianin.

Colaboram neste número: José Wanderley Dias, Francisco Emilio Surian, Marcos Eduardo de Almeida, André Carbonera, José Fernandes de Oliveira, José Cristo Rey Garcia Paredes, José Geraldo Vidigal de Carvalho, Geraldo Barboza de Carvalho, Mauro Martins Amatuzzi, Natalício José Weschenfelder, Ana Aparecida Frabetti Valim, Isidoro De Nadai, Maria do Carmo Fontenelle, Maria Amélia Santos Vaz, Donald Lazo e Gilson Baggio.

Arte e Produção: Pedro Ribeiro.

Revisão: Attilio Cancian.

Diretor Administrativo: Sérgio Ibanor Piva.

Circulação e Assinaturas: José Rodrigues de Almeida. Representantes e Promotores: Geraldo Moreira, Joaquim Dias de Castro, Maria Elizabeth Vieira de Campos, Heliott Carnevale, Valter Cazonire, José Montresor, Irene Martins, Maria Renée, Maria da Paz Souza Santos. Publicidade: Cláudio Gregianin.

Editor Responsável: Cláudio Gregianin.

Dívida externa não pode sacrificar o povo

Santa Maria (CIC) — “O pagamento da onerosa dívida externa dos países não pode aceitar condições que impliquem fome e excessivo sofrimento do povo”, afirma o documento final da 20ª Assembleia Ordinária do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), realizada recentemente em Costa Rica. O conteúdo do documento foi revelado em Santa Maria, RS, pelo presidente da CNBB, dom Ivo Lorscheiter. Realizar na América Latina uma nova evangelização “que evite os aspectos negativos do passado e valorize os positivos” é outra proposição do documento. Segundo dom Ivo, a partir dos relatórios dos diversos países-membros do Celam e seus departamentos, os bispos reunidos em Costa Rica também constataram que está ocorrendo na América Latina “um notável florescimento numérico das vocações sacerdotais e religiosas”.

Constituinte deverá ouvir o Brasil

Salvador (CIC) — De imediato, o novo governo deve desenvolver um programa voltado para a saúde, habitação, emprego e previdência social, já que não se podem resolver todos os problemas do Brasil a curto prazo, afirmou o cardeal primaz do Brasil, dom Avelar Brandão Vilela. Outra questão, segundo o prelado, que deve ser urgentemente resolvida é a fundiária, com a realização imediata da reforma agrária. Destacou o primaz que a médio e longo prazo a grande tarefa do governo é a elaboração da nova Constituição: “A nova Carta deverá conter as exigências que o País reclama e o Brasil inteiro deverá ser ouvido”. A Igreja deverá contribuir na elaboração da nova constituição através de estudos realizados nas dioceses, disse dom Avelar, sem, no entanto, querer im-

por suas idéias. “A Igreja deve apenas sugerir, já que tem consciência clara do que é seu papel e do que é o papel do poder público”, finalizou o cardeal.

IDAGO abandona famílias na mata

Amazonas (CIC) — Sessenta famílias de trabalhadores rurais foram levadas para a região fronteira Brasil-Venezuela em dezembro de 1984 pelo IDAGO (Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás). O fato foi denunciado como migração patrocinada, estranhando-se a presença da polícia no local e a falta de explicações para tal medida. As famílias com uma média de 8 a 10 filhos foram “desovadas” no local onde vivem em barracas abertas, à mercê da natureza e da selva, e nenhuma das promessas feitas pelo IDAGO e ITERAM (Instituto de Terras do Amazonas) foram cumpridas: nem ferramentas, nem sementes, nem adubos, nem atendimento médico foi dado por todo esse tempo. A Comissão Pastoral da Terra de Goiás (Região Centro Sul) distribuiu nota, condenando a irresponsabilidade do governo de Goiás e dos órgãos responsáveis. Outra preocupação da CPT é alertar os lavradores para não se deixarem enganar por este tipo de promessa.

Policial e jagunços invadem terras

Roraima (CIC) — Capanças de José Altivo Machado, Mauro Fonte Machado e Leo Fridion Xavier, major reformado, além do policial Nilberto Batista de Oliveira, a serviço da Secretaria de Segurança Pública de Roraima, comandaram a invasão na serra de Surucucus, território dos índios ianomamis, em Roraima, no dia 14 de fevereiro deste ano. A operação parece ter sido planejada com antecedência. No dia 1º de maio o advogado Tito Rocha Filho sobrevoou a área e têm-se

provas de seu envolvimento, uma vez que armas registradas em seu nome foram usadas no dia da invasão. Estão envolvidos ainda o fazendeiro Raimundo e a vereadora Lourdinha, donos da fazenda de onde partiram os aviões que levaram os 44 garimpeiros que invadiram a área. Entre as armas pesadas identificou-se uma metralhadora marca URU, da própria Secretaria de Segurança Pública do Amazonas.

Operação Terceiro Mundo condena violência

Goiânia (CIC) — A Operação Terceiro Mundo (Operazione Terzo Mondo — Albino, Bérnago, Itália) enviou longa carta às autoridades brasileiras condenando a violência contra os trabalhadores rurais e suas entidades pelas polícias militares e federais e por pistoleiros. A carta cita o assassinato do secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Arapoema, a expulsão de dezenas de famílias no norte de Goiás, o regime de escravidão imposto a centenas de lavradores da região de Santana do Araguaia e São Félix do Xingu, no Pará, envolvendo grupos econômicos como a Volkswagen, e o pânico produzido pela Agropecuária Mirassol com seus pistoleiros, em Jauru, Mato Grosso. Consciente dos fatos, a Operação lembra ainda que em agosto e setembro de 1984 houve sete assassinatos de posseiros e dirigentes sindicais, 20 pessoas foram feridas,



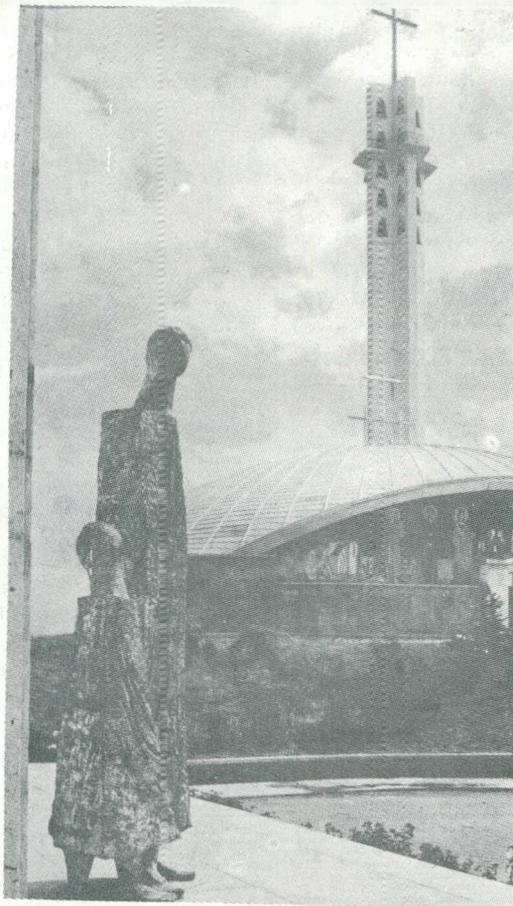
90 casas destruídas e 600 lavradores foram expulsos das terras. A Operação Terceiro Mundo estranha que os responsáveis por esses acontecimentos não sejam condenados, uma vez que todos eles são conhecidos. A Operação Terceiro Mundo apresenta sua solidariedade e apoio às reivindicações de posseiros e índios que perderam suas terras no Estado do Pará com a construção da Usina de Tucuruí.

Diocese distribui lotes de terra

Propriá (CIC) — Um grupo de pessoas ocupou um pedaço de terra pertencente à diocese de Propriá, SE. Vendo que a maioria dos ocupantes era de pessoas realmente carentes, o bispo diocesano, dom José Brandão de Castro, resolveu doar o terreno para que os ocupantes carentes pudessem construir ali sua casa. Já anteriormente a diocese havia distribuído 110 lotes na cidade. “Esperamos que esse episódio seja um grito que chegue aos ouvidos das nossas autoridades, para que, não somente aqui, mas em outros lugares também, a questão da moradia mereça mais atenção e mais carinho”, diz dom José Brandão de Castro.

Bispos contra a violência em Goiás

Goiânia (CIC) — Em sessão extraordinária no dia 20 de março o Regional Centro-Oeste da CNBB, reunido em Goiânia, se posicionou contra a violência praticada contra os posseiros do Norte de Goiás, devido ao descaso das autoridades políticas e judiciárias do Estado e do próprio governador. Os bispos, em solidariedade aos posseiros, incumbiram uma comissão de juristas do encaminhamento dos recursos cabíveis em nível judicial. Uma comissão de bispos do regional apresentará junto às autoridades federais político-administrativas as inadiáveis reivindicações do povo.



Jornalistas devem revelar os santos modernos

Vaticano (CIC) — O papa João Paulo II recebeu, no dia 21 de março, em audiência especial, cerca de 130 jornalistas católicos, entre os quais dois brasileiros: o professor Ismar de Oliveira Soares, presidente da União Cristã Brasileira de Comunicação Social, e frei Clarêncio Neotti, recator-chefe do Centro Informativo Católico e presidente da União Católica Latino-Americana de Imprensa. João Paulo II disse aos jornalistas que seu trabalho deve caracterizar-se pela precisão, honestidade e sede de justiça. O Sumo Pontífice declarou-se partidário do jornalismo de investigação e exortou os profissionais a procurarem tanto o que chamou de “santos ocultos”, que ajudam os pobres e desvalidos, quanto os “pecadores escondidos”. “É através da divulgação dos crimes destes últi-

mos que a sociedade consegue cicatrizar-se”, explicou João Paulo. O Papa explicou que os santos ocultos são os que ensinam a juventude, que cuidam dos doentes e aconselham os atribulados. Seus nomes devem ser divulgados para que possam servir de exemplo e modelo a todos os homens, afirmou João Paulo.

Liberdade religiosa para os católicos de Hong Kong

Hong Kong (CIC) — O bispo de Hong Kong, dom Cheng-Chung, em carta aos governos da Inglaterra e China, pediu que a liberdade religiosa seja garantida aos 270 mil católicos do território, depois que a Inglaterra devolver a colônia à China no ano de 1997. O prelado diz em sua carta que a liberdade de consciência é um direito fundamental do homem que “deve estar claramente definido e

garantido” no acordo entre a Inglaterra e a China.

Igreja do Haiti empenhada na promoção humana

Porto Príncipe (CIC) — Um documento publicado pela Conferência Episcopal do Haiti afirma que a Igreja local está se mostrando mais ativa na promoção humana naquele país e está se preocupando mais com o povo pobre. Os bispos publicaram um “Manifesto para a promoção humana”, com 40 artigos que definem os direitos humanos e propõem vários projetos de alfabetização nacional, a criação de uma comissão de defesa e promoção dos direitos humanos e a criação das comunidades eclesiais de base. Há tempo que o governo não tolera tipos de projetos de promoção humana que não sejam exclusivamente governamentais. Tanto que o Papa, na visita ao Haiti em março de 1983, fez a seguinte declaração: “As coisas devem mudar aqui” — referindo-se diretamente aos governantes. E aos religiosos declarou: “A Igreja tem que comprometer-se a fundo pelo bem dos irmãos e irmãs e especialmente pelos mais pobres”. Os 7 bispos que assinaram o “Manifesto para a promoção humana” estão decididos a pôr em prática as palavras do Sumo Pontífice.

Igreja de Uganda condena violência

Campala (CIC) — Os bispos católicos de Uganda escreveram uma carta pastoral para comemorar o centenário da morte dos 33 mártires, canonizados pelo papa Paulo VI e hoje padroeiros do país. Mais da metade dos 14 milhões de ugandenses são cristãos. Os bispos condenam a violação constante dos direitos humanos em Uganda, primeiro com Amin Dada e agora sob a presidência de Milton Obote. Os bispos se referem especificamente às prisões e

processos simulados, às migrações forçadas e ao desemprego crescente.

Teologia da Libertação: reconhecimento argentino

Buenos Aires (CIC) — Em entrevista concedida ao semanário “El Periodista”, dom Jorge Novak, bispo de Quilmes, Argentina, destacou que a Teologia da Libertação tem maior eco na América Latina “por sua grande população católica e por sua situação de injustiça social, de verdadeira opressão”. Dom Novak, co-fundador da Assembléia Permanente pelos Direitos Humanos (APDH), disse ainda que “é inaceitável dizer: espere o céu porque ali todos seremos felizes. Deus deseja que todos sejamos felizes sobre a terra”. Interrogado sobre os documentos preparados pela administração Reagan, segundo os quais a Teologia da Libertação deve ser combatida porque “ameaça a segurança psicológica do país”, Novak explicou que “nós, latino-americanos, somos a colônia que deve trabalhar barato e grátis. E eles são o império que vive às nossas custas. Por isso — acrescentou — é tão importante entender a necessidade de uma América Latina integrada; em vez de aceitar silenciosamente as imposições que vêm de fora, é preciso discutir de igual para igual”. Mencionou o teólogo Leonardo Boff como “um profeta” que em tempo surgiu em um Continente caracterizado pela “opressão, miséria, marginalização e dependência”, e assinalou que, na “história da teologia latino-americana, o capítulo da Teologia da Libertação será um dos mais importantes capítulos escritos”. Referindo-se à Igreja argentina, manifestou que “pecou por omissão diante dos atropelos aos direitos humanos” perpetrados pelos militares que governaram aquele país entre 1976 e 1984.

CONSULTÓRIO POPULAR

- Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.
- Correspondência para: Alceu Orso, C.M.F. — Cx. Postal 54.215 — CEP 01227 São Paulo, SP

1.976

BUDISMO

Gostaria que fizesse uma explanação sobre a religião "Buda", bem como iniciou (G. M. - Ribeirão Preto - SP).

O nome do fundador desta religião é Siddhartha Gautama ou também Sáquia-Múni (563-483 a.C.), que se tornou famoso na Índia pela sua santidade e amor a todas as criaturas. Era chamado "o Buda", que significa "O Iluminado".

Na sua vida terrena conquistou muitos crentes. Após a sua morte começaram a erguer em sua homenagem diversos monumentos e a religião que pregara espalhou-se pela maior parte da Ásia.

Nasceu no seio de uma família nobre da classe governante do norte da Índia. Mais tarde abandonou a esposa e o filho e refugiou-se na floresta. Renunciou ao mundo e, através de toda sorte de penitências, que iam quase até à morte por inanição, procurou alcançar a percepção dos significados da vida. Passou várias semanas em meditação debaixo da árvore Bo, chamada pelos budistas a Árvore da Sabedoria.

Reuniu à sua volta um pequeno grupo de discípulos dedicados à tarefa de difundir seus ensinamentos.

Alguns de seus princípios:

- a) Não existe começo, nem fim, criação ou céu.
- b) A sua religião é a crença na transmigração, a reencarnação da alma em outras formas de vida.

c) Cada pessoa possui o carma, que é a força moral misteriosa que sobrevive à morte. É definido como "a total consequência ética das ações individuais" e estabelece o destino de cada um na existência futura.

d) Os maus voltam à vida como animais ou seres humanos desafortunados. Os bons voltam a condições de vida progressivamente mais altas e afortunadas no sentido espiritual, até que sejam merecedores do *nirvana*, que é um estado de vazio total, no qual há libertação completa de desejos.

Há no budismo quatro verdades nobres que ajudam o indivíduo à auto-mortificação:

- a) A vida humana é angústia e sofrimento.
- b) O sofrimento humano é causado pelo desejo de coisas que não podem satisfazer ao espírito.
- c) O sofrimento pode findar e o homem tornar-se livre pela renúncia a esses desejos, que têm suas raízes na ignorância.
- d) O homem pode libertar-se, seguindo a "Senda das Oito Trilhas". Esta senda compõe-se de opiniões exatas, aspirações boas, palavras verdadeiras, modo de viver correto...

No budismo são expressamente proibidos: roubo, falsidade, falta de castidade, bebidas fortes, matar-se ou matar qualquer ser.

O Concílio Vaticano II voltou-se para estas religiões não-cristãs, valorizando a sua contribuição para o aperfeiçoamento individual e coletivo, exortando os católicos para

que "com prudência e amor, através do diálogo e da colaboração com os seguidores de outras religiões, testemunhando sempre a fé e a vida cristã, reconheçam e mantenham e desenvolvam os bens espirituais e morais, como também os valores sócio-culturais que entre eles se encontram (Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs — *Nostra Aetate*, n.º 2).

1.977

SANTA MARINA

Gostaria de saber alguns dados sobre Santa Marina (L. M. F. - Casa Branca, SP).

Existem diversas santas com este nome. Cada qual tem poucos dados e a documentação histórica é escassa. Temos:

Bem-aventurada Marina de Espoleto. O seu dia de veneração era 18 de junho. Ela entrou na casa das cónegas regulares de Santo Agostinho quando ainda era moça. Em 1265 fundou a bem-aventurada um mosteiro da observância dos ermitões de Santo Agostinho. Faleceu em 1300.

Santa Marina, citada no martiriológico romano como virgem martirizada na província da Galácia a 18 de julho. Há poucos dados desta santa.

Há várias outras santas com o mesmo nome, mas sem muita relevância na religiosidade popular.

1.978

O PROFETA ELIAS

Elias, de fato, deve aparecer e restabelecer todas as coisas (Mt 17,11),

deixa subentender tratar-se de alguém ainda por vir.

O povo judaico, baseado numa profecia de Malaquias (3,23) e em outros escritos pela tradição rabínica, acreditava que Elias haveria de voltar ao mundo.

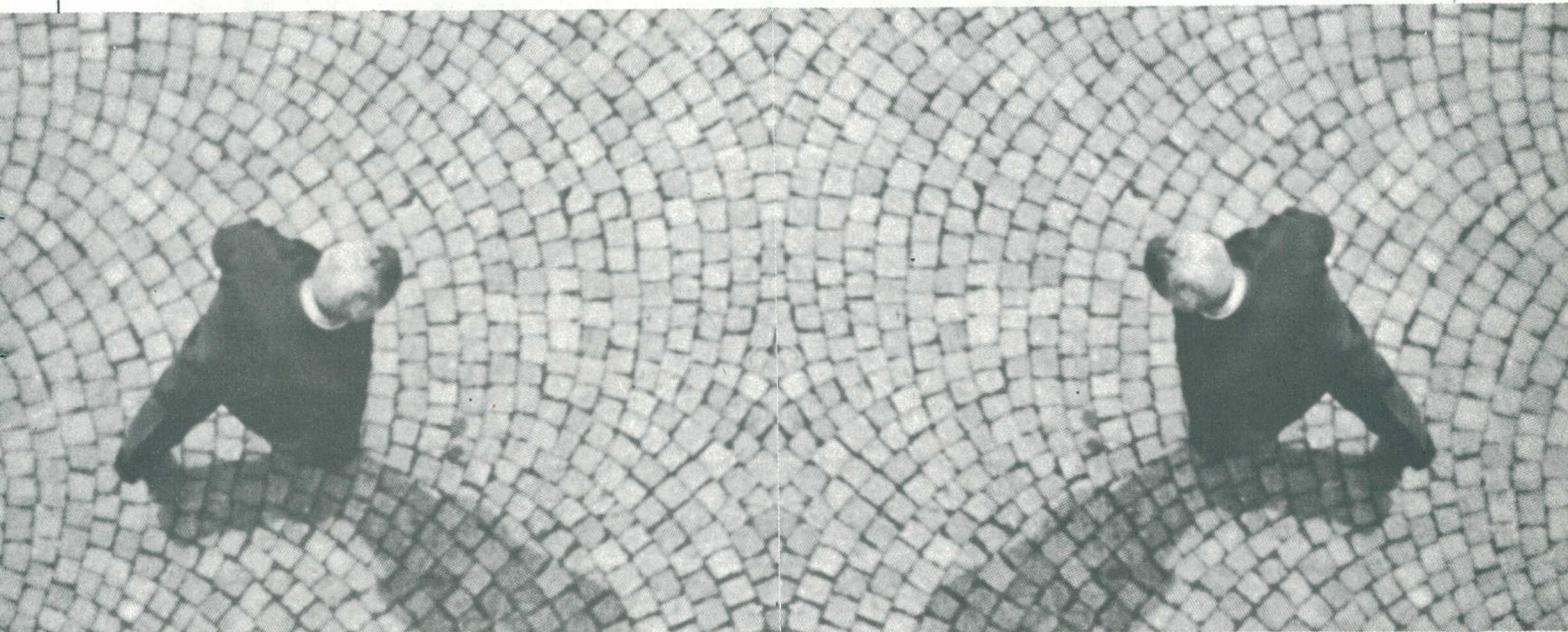
Realmente, o profeta Malaquias diz que Elias voltaria à terra, a fim de preparar a vinda do Senhor. Este oráculo de Malaquias, porém, é aplicado pelos evangelistas a S. João Batista (Lc 1,16-17). O próprio Cristo revelou diversas vezes que o profeta não se referia propriamente a Elias, mas ao seu precursor (Mt 17,12-13; Mc 9,11).

Por outro lado, o mesmo João Batista negou expressamente que fosse Elias (Jo 1,21). Isto quer dizer que João Batista veio ao mundo para cumprir uma missão semelhante à de Elias, ao qual se assemelhava no caráter e em muitas particularidades. São Lucas diz que ele veio "com o espírito e o poder de Elias" (1,17). O que, portanto, queria dizer o profeta Malaquias era que a vinda de Cristo seria preparada por um profeta que se parecia com Elias, no espírito de zelo, na austeridade, na coragem de pregar a verdade.

Apesar disto, a tradição judaica, aceita ainda por muitos intérpretes católicos, acredita que o mesmo profeta Elias (que, segundo esta mesma tradição, não teria morrido), voltará pessoalmente para combater o Anticristo e preparar a segunda vinda do Senhor.

Convite à reflexão

(Nota da Presidência e Comissão Episcopal de Pastoral - CNBB)



“Nos últimos dias, a Igreja do Brasil vem vivendo um clima de tensões e interrogações a respeito da atual situação de nosso irmão Frei Leonardo Boff. Desejando oferecer elementos de reflexão eclesial serena, tão necessária para preservar a Verdade e consolidar a Comunhão, a Presidência e a Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB julgam de seu dever dizer o seguinte:

1. Nenhum católico sincero pode deixar de reconhecer no Papa a difícil, mas necessária, tarefa de intervir no campo da Fé Cristã ou da disciplina eclesial, sempre que isto for exigido pelo bem comum da Igreja do Senhor. O Papa age por si mesmo ou através dos organismos da Cúria Romana e, no caso do exercício do Magistério, em formas e graus diversificados, que vão desde as solenes e raras definições dogmáticas irrefutáveis, até as variadas maneiras do magistério ordinário.

2. Acatar e aceitar, em espírito de fé, os Atos do Papa e da Cúria Romana, com a adesão própria de cada caso, faz parte do SER católico e deriva da compreensão da ordem dada a Pedro por Cristo: “Apascenta as minhas ovelhas, apascenta os meus cordeiros” (cf João 21, 15-17). Tal acatamento e aceitação, com o cor-

respondente direito de manifestar a própria opinião para o bem da Igreja, são sabiamente explanados e circunscritos no cânone 212 do novo Código de Direito Canônico:

§ 1 — Os fiéis, conscientes da própria responsabilidade, estão obrigados a aceitar com obediência cristã o que os sagrados Pastores, como representantes de Cristo, declaram como mestres da fé ou determinam como guias da Igreja.

§ 2 — Os fiéis têm o direito de manifestar aos Pastores da Igreja as próprias necessidades, principalmente espirituais, e os próprios anseios.

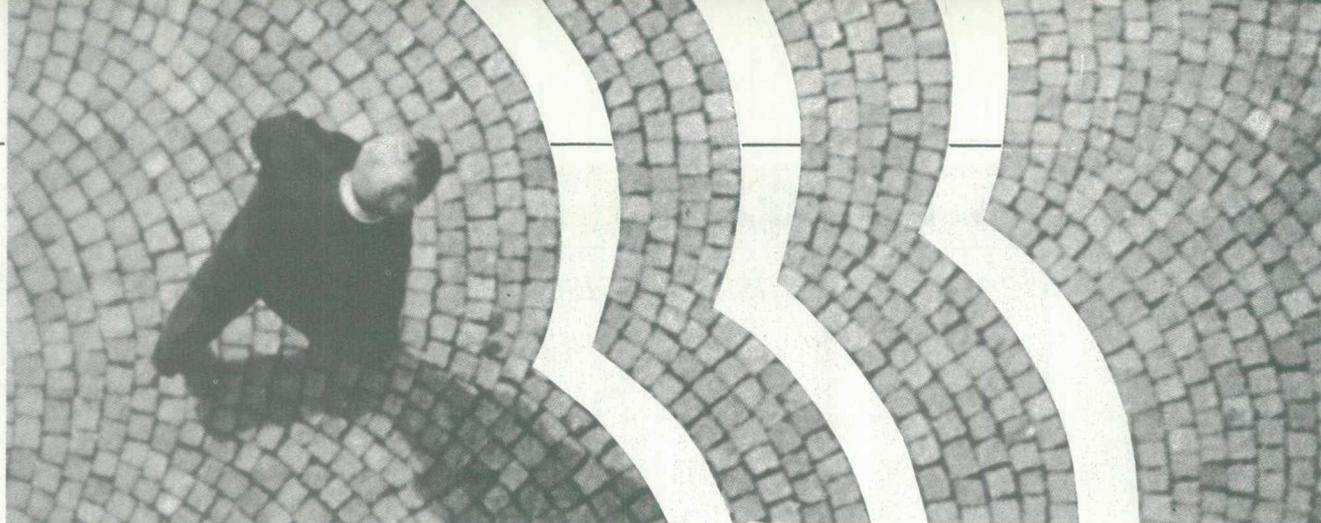
§ 3 — De acordo com a ciência, a competência e o prestígio de que gozam, têm o direito e, às vezes, até o dever de manifestar aos Pastores sagrados a própria opinião sobre o que afeta o bem da Igreja e, ressaltando a integridade da fé e dos costumes e a reverência para com os Pastores, e levando em conta a utilidade comum e a dignidade das pessoas, de dar a conhecer essa sua opinião também aos outros fiéis”.

3. A CNBB, no âmbito de suas atribuições específicas e, particularmente, no cumprimento de sua tarefa estatutária de “aprofundar cada vez mais a comunhão dos bispos” e

“manifestar solicitude pela Igreja universal, através da comunhão e colaboração com a Sé Apostólica”, propõe-se prosseguir no diálogo leal e perseverante com o Santo Padre e os organismos da Cúria Romana, sempre no intuito sincero de ajudar a tutelar as Verdades da Fé e construir a Comunhão amadurecida no Corpo de Cristo.

4. A Presidência e a Comissão Episcopal de Pastoral conclamam nossas comunidades a continuarem, com serenidade e confiança, seu trabalho evangelizador na edificação do Povo de Deus. Na fé e na oração, todos somos chamados a crescer pela conversão e correção humilde de nossas falhas. A comunhão eclesial impõe, por vezes, renúncias dolorosas, mas profundamente fecundas. Esta mesma comunhão impõe, também, exigências de fraternidade, no respeito e na constante estima a todos. Que ninguém se deixe levar pelo espírito de divisão. Aprendamos a lição dos irmãos e das comunidades que sabem viver a ascese que purifica, a confiança em Cristo que alenta e a paz que é fruto do Espírito de Deus”.

Presidência e Comissão Episcopal
de Pastoral da CNBB
Brasília-DF, 30 de maio de 1985



"Eppur si muove" (Galileu Galilei)

José Wanderley Dias

Pode-se alterar a seqüência dos fatos, não se conseguir modificar o curso da História; pode o monarca vestir-se de fantasias, o povo sempre perceberá se ele estiver nu. Há cárceres dos quais é impossível a fuga, em nenhum deles se conseguiu prender uma idéia. Não adianta apagar a luz: o nascer do sol se seguirá a cada madrugada. Você poderá arrancar a língua de quem fala: aí o seu silêncio falará mais alto. Se matarmos os que se opõem a nós, de nada isso adiantará porque eles nos sobreviverão e não caberão nos túmulos que lhes abrimos. Os enforcados sempre vivem mais do que vivem os seus carrascos. Por mais que façamos ominoso o dia de hoje, haverá sempre um amanhã. A lei da reação à ação é também da física social. É das forças injustas que nascem os heróis imortais, e a Cruz que matou um Deus foi quem fez o homem eterno. Não adianta perseguir e até matar os que crêem: aí sua voz chegará mais facilmente ao alto e o alto falará em seu nome. A tempestade cairá e uivará, os ventos assoviarão infrenes, as árvores cairão, o mar se encapelará, um dia, porém, a bonança virá e a calma terá de novo seu lugar. É inútil matar quando o destino é a ressurreição. Não adianta cortarmos as asas das águias, jamais elas procederão como as minhocas.

O chicote não educa os homens e animaliza quem o emprega. Quando chegar o momento, não adianta termos parado o relógio. Você pode queimar os livros: a sabedoria renascerá das cinzas. Os apóstolos nascem nas arenas e os líderes são os que encontram obstáculos. Por maiores que sejam as pirâmides, nunca passarão de monumentos fúnebres. Cuidado: você poderá afogar-se na lágrima que fizer derramar. Sempre passa depressa se você pretende encarná-lo. Não adianta quebrarmos o espelho, se é nossa figura que é ridícula. Não há jeito de taparmos os ouvidos da alma, por isto é inútil não deixarmos falar. A voz dos tiranos e o silêncio dos mártires: qual deles mais reboia pelos tempos afora? Ainda que sejam desnudados, é quente o coração dos bravos e uma lareira seu coração sem medo. A crença posta à prova transforma-se em religião, a bravura experimentada muda-se depressa em heroísmo. Você poderá degolar alguém: as palavras serão ditas com o sangue da garganta guilhotinada. Sepulte a semente e verá, em seu lugar, nascer a árvore. Destrua as catedrais e as igrejas terão como teto o céu e como assoalho o chão calcinado. É inútil tentar: os rios não correrão para trás, o arbusto não crescerá para baixo, a mediocridade poderá ter mil lanternas, mas só o vaga-lume do valor indicará o caminho.



Direitos humanos: o divino no homem

Francisco Emílio Surian

Ninguém pode tirar do homem os seus direitos e aquilo que Deus lhe deu por excelência: a liberdade.

O homem vive numa conjuntura complicada. A vida tem-se tornado cada vez mais uma dialética entre homem-mundo-desenvolvimento. Lógico que estas quatro palavras nem de longe esgotam toda a realidade da vida humana, que é muito mais ampla. O desenvolvimento se lança no tempo, a partir do presente, prepara o futu-

ro, num local determinado, o mundo em que vivemos, nós, os homens que promovemos esse mesmo desenvolvimento. Neste contexto podemos nos tornar peças de uma máquina, roda-viva, correndo o risco de nos tornarmos céticos e aprisionados à lei da máquina, que friamente faz o seu trabalho, sem sentimentos e incapazes de

admirar e compreender a nova realidade que se faz a cada momento no mundo dos relacionamentos humanos, sempre novos e únicos!

É neste contexto, complicado mas prenhe de vitalidade, que o homem pode perder de vista o essencial para sua vida e para a humanidade. É neste contexto que o homem é chamado a ser Evangelho vivo e a proclamar com sua palavra aquilo que humaniza o homem, conduzindo a humanidade toda a gestos concretos que dêem ao homem, pessoa humana, todos os seus direitos. Direitos que partem desde o mais essencial ao homem: o pão de cada dia, sua casa, seu trabalho, sua dignidade, sua liberdade em todos os níveis de vida e expressão. O respeito à pessoa deveria ser algo inato, que vem do berço e está acima de qualquer coisa no relacionamento humano. Na dialética homem-mundo-tempo-desenvolvimento o essencial é o homem, sem ele não haverá quem tenha consciência dos outros três termos do relacionamento.

Os Direitos Humanos vão aparecer, então, não como uma lei escrita numa das reuniões da ONU, mas como algo inato ao ser humano. Porém o homem perdeu a sensibilidade a estes direitos porque deixou de centralizar sua vida no essencial, valorizando muito mais a lei, a estrutura, o mundo, o desenvolvimento e acabou por se deixar escravizar por todas estas coisas. Colocar o homem no centro desta dialética de vida não é promover o culto à personalidade, nem erigir falsos deuses, mas sim, pressentir o divino que está no homem: "Sois templo do Espírito Santo". Justamente por isso ninguém pode tirar do homem os seus direitos e aquilo que Deus lhe deu por excelência. Correr-se-ia o grave risco de estar mutilando a história, roubando aquilo que nem Deus se deu o direito de limitar: a liberdade! (CIC).

A dignidade humana corre perigo

+ Angélico Sândalo Bernadino

(Bispo Auxiliar e Vigário-Geral designado para a Região Episcopal de São Miguel Paulista, São Paulo).



A dignidade humana corre perigo, no mundo todo, na Comunidade da Igreja também; e se quer pensar que tudo está bem.

Alguns exemplos mostram que a situação, que parece ser honesta, não é nada disso!

Afirma-se o direito de pensar, e se nega a possibilidade de falar.

É o império do silêncio, da morte.

Anuncia-se a Nova República, e se decreta salário mínimo de fome.

Mente-se tanto que muitos trabalhadores confusos, mal informados, atribuem às greves o aumento do custo de vida.

Fala-se em necessidade de saúde para o povo, e se recusa a redução das horas semanais de trabalho.

Rouba-se o leite às crianças nas creches e postos.

Com barulho, se anuncia o projeto de lei, concedendo-se o legítimo, óbvio direito: de voto ao analfabeto, e a nação não se envergonha diante de seus milhões de analfabetos.

Discute-se a legitimidade ou não da lei da pena de morte, e o País não se apavora, diante das milhares de execuções sumárias verificadas na periferia da cidade e no campo.

Chora-se a morte do Presidente Tancredo Neves, e silencia-se diante das mortes de populares que aguardavam seus restos mortais em Belo Horizonte.

Ouve-se que a nossa sociedade é cristã, e nos acostumamos com a prostituição, fruto de uma sociedade que apodrece.

Nos tribunais há tantos Pilatos, e Cristo continua sendo pregado nas paredes de casas enca-regadas de fazer justiça.

Bancos, santuários do bezerro-de-ouro, recebem solenes bênçãos em sua inauguração.

Operários não têm casa, seus filhos morrem de fome, e os donos do capital gritam: "É preciso ter paciência; não pode haver violência, nem luta de classes!"

Mas quando este trabalhador, unindo forças a seus companheiros, resiste, faz greve, protesta, os donos da Pátria se alvoroçam, invocam a força da lei e muita gente até, dentro e fora da Igreja, faz preces contra a "subversão".

E a ladainha continua...

Tem razão o Padre Leuret quando diz: "O objetivo: salvar e elevar o homem todo e toda a humanidade, salvar na totalidade de seu ser, logo, antes de mais nada, salvar o espírito. Sim, o respeito a cada homem; a neutralidade é traição".

Sobre tudo isto, um recado de Cristo, senhor e juiz da história:

— "Sei que não são nem frios nem quentes. Como gostaria que fossem uma coisa ou outra! Mas, porque são apenas mornos, nem frios nem quentes, vou logo vomitá-los" (Apoc 3,15).

Não nos deixemos enganar!

Vivemos imersos num mundo de injustiças!

Precisamos mudar nosso coração.

Precisamos revolucionar a situação iníqua que aí está!

Caminhemos unidos, organizados!

Sempre somando forças!

O CREIO DA JUVENTUDE

Enrique Briozzo



Uma luz cheia de ilusão e esperança nos anima em nossa caminhada. Por isso, sem nenhum tipo de presunção, afirmamos que temos Fé em nós mesmos.

Creemos na juventude.

Creemos em nossa vida, com as suas imprudências e loucuras, porém desejosa de se comprometer.

Creemos na força interior que há em nós, que nos inquieta continuamente, fazendo de nós os protótipos da mudança.

Creemos na alegria que sai de nossos corações.

Creemos na música, no baile, na canção, no sorriso, que são, no jovem, expressão de seu talento festivo.

Creemos na amizade junto à sincera manifestação juvenil do partilhar.

Creemos que ser incompreendidos é um risco que quase sempre se corre na vida.

Creemos que há jovens profetas.

CREMOS EM TODO JOVEM QUE PROCURA A VERDADE.

Creemos em JESUS de NAZARÉ, modelo de nossa juventude. Nós, jovens, estamos abertos, e nossa fraternidade não tem nem jamais terá fronteiras de nenhum tipo. Junta-te a nós, nesta busca. Este convite que te fazemos não é só um chamado nosso, mas também da comunidade humana, da Igreja e do mundo juvenil como um todo: vamos assumir a missão de ser O homem novo que fará uma sociedade mais justa e cheia de AMOR!

AME-SE (II)

Geraldo Barboza de Carvalho

De que forma se manifesta o amor a mim mesmo, esse gostar de si mesmo evangélico? Não há amor sem cuidado. Quem ama, cuida do que ama. Deus criou-nos, criou o universo, mas não o abandonou à sua própria sorte. "Olhai as aves do céu, olhai os lírios dos campos: as aves nem semeiam nem recolhem grãos em celeiros, e vosso Pai celeste as alimenta; os lírios, nem se cansam nem tecem. Mas vos asseguro que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles". Deus cuida de suas criaturas e de nós porque tem "ciúmes" delas. Quem ama, tem ciúmes; sim, senhor. Assim como existe o amor de si mesmo patológico, doentio, narcisista, ao lado do amor de si mesmo sadio, necessário, indispensável, assim também existe o ciúme doentio, possessivo, escravizador, ao lado do ciúme sadio, que cuida do outro sem tolher sua liberdade, mas promovendo sua libertação. É desta forma que Deus é ciumento de suas criaturas e de nós, seus filhos. "Deus ama tudo que cria".

O amor por nós se manifesta no ciúme/cuidado por nós mesmos. Querer bem a si mesmo é primeiramente cuidar de seu corpo e cuidar da "cuca". Cuidar do corpo é trazê-lo limpo, purificado; cuidar do corpo é alimentá-lo bem, dando-lhe diariamente sua ração calórico-protéico-vitamínica de que necessita para crescer e manter-se saudável, disposto para desempenhar as tarefas que serão exigidas dele. Alimentar-se bem é evitar os enlatados, as conservas em excesso, as comidas fora de casa sem necessidade, as bebidas alcoólicas em excesso e os refrigerantes em lugar de sádios e nutritivos sucos de nossas abundantes frutas nacionais. Quem fuma e toma drogas não pode querer bem a si mesmo, não ama seu corpo. As pessoas que fumam não sabem o mal que causam aos não-fumantes, os estragos que causam aos sistemas respiratório e circulatório dos mesmos. Sem falar da peste, da lepra terrível que são as drogas, dos distúrbios que causam



ao organismo, do definhamento físico que causam, da dependência emocional e queda moral.

Cuidando de meu corpo, estou cuidando também da "cuca". Até porque o cuidado com o corpo é, antes de tudo, uma questão de "cuca". Estando bem fisicamente, estarei pronto para me organizar interiormente. "Cuca" é tudo que diz respeito à minha estrutura interior, meu coração, minhas emoções, meu íntimo. O cuidado com meu interior demanda uma alimentação sadia, como a de meu corpo. O alimento da "cuca" é feito de leituras, reflexões, meditações, orações, contemplações, agradecimentos, coisas que curam todos os males de minha mente, que soerguem meu espírito e o tornam digno do corpo sadio que me dou. Quando

cuido de minha "cuca", quando ponho a funcionar todo o potencial de amor, de sentimentos e de entendimento que Deus colocou em mim, todos os psiquiatras, psicanalistas, psicólogos e macumbeiros podem tirar férias e não voltar mais. O coração que se quer bem é o maior terapeuta. Muitas doenças do corpo e da "cuca" são falta de amor por si mesmo. Se não alimentamos bem nosso corpo, como podemos ter saúde? Se não tratamos com amor a nossa mente, caminhamos inapelavelmente para a "fundição da cuca". Ame-se! Queira bem a você. Cuide-se. Não da maneira leviana e um tanto desvairada das Marta Supley e de quejandas sexólogas. Masturbar-se nunca foi querer bem a si mesmo. Amar é verbo par! Masturbar-se é n.º intransitivo!

CLAMOR LATINO

Marcos Eduardo de Almeida

“A Igreja necessita hoje de cristãos dispostos a darem claro testemunho de sua condição e assumirem sua parte na missão da Igreja no mundo, sendo fermento de religiosidade, de justiça e promoção da dignidade do homem em todos os ambientes sociais”
(João Paulo II).



“De todos os países da América Latina sobe aos céus um impressionante clamor: é o grito de um povo que sofre e pede justiça, liberdade, respeito aos direitos fundamentais do homem e dos povos. É um clamor claro, alto, forte e ameaçador”, colocando-se, por dizermos que somos cristãos, frente a frente com esta realidade, que de algum modo deve ser mudada.

Mas, na verdade, como encaramos esta realidade?

Infelizmente, muitos de nós, os seguidores de Cristo, temos medo de enfrentar os poderosos, mesmo defendendo nossos direitos ou daqueles que não têm vez nem voz e, por isso, são colocados no mais profundo

abismo.

A Igreja é o povo de Deus! Ela evangeliza neste mundo tão imundo e apodrecido por esta sociedade capitalista que só pensa no lucro, nunca se importando com os mais pobres, que na verdade são ricos, pois são os escolhidos de Deus!

Optar é escolher. A Igreja escolhe o partido dos que vivem do trabalho de suas mãos. Eles são a Verdadeira Igreja. Os ricos que se dizem cristãos devem provar isso, deixando de explorar seus irmãos e servindo aos oprimidos. Enquanto na sociedade é o pobre que serve ao rico, na Igreja é o rico que deve servir ao pobre” e, naturalmente, amá-lo como Cristo nos ama.

Como seria lindo se isso acontecesse! Harmonia entre os irmãos, entre os filhos do Deus Amor, do Deus Partilha!

Cristo sentiria que sua paixão e morte na cruz por amor dos homens realmente serviu de exemplo.

Por isso, não devemos fechar os braços diante dos obstáculos da vida, pois Ele, o maior homem que a humanidade já conheceu, morreu de braços abertos, dando o sentido de que está sempre à nossa espera para mostrar-nos o *verdadeiro amor*, sempre inquieto diante das injustiças!

E o jovem deve ser o exemplo de coragem diante das dificuldades que a América Latina passa, pois na Igreja “eles sentem-se povo novo, o povo das bem-aventuranças, sem outra segurança senão a de Cristo, um povo dotado de coração de pobre, contemplativo, construtor da paz, portador de alegria e de um projeto libertador integral. A Virgem Mãe, indefectível na fé, educa o jovem para ser Igreja!”
(Puebla 1184).

Não resta dúvida: o jovem que se preocupa com a situação atual do continente latino-americano e procura agir com firmeza e coragem, doação e perseverança, amor e fé, vive e leva o Evangelho aos homens que se acham fracos e medrosos, egoístas e desanimados, de pouco amor e de pouca fé.

Deus ama a todos, pois qual pai não ama seus filhos?

Mas para sermos bons filhos devemos amar nossos irmãos, principalmente aqueles mais necessitados, pois “fomos criados não solitários, mas solidários”.

“A Igreja necessita hoje de cristãos dispostos a darem claro testemunho de sua condição e assumirem sua parte na missão da Igreja no mundo, sendo fermento de religiosidade, de justiça e promoção de dignidade do homem em todos os ambientes sociais...” (papa João Paulo II).

Mas, será que somos tal fermento?

“A pobreza não é uma etapa transitória, e sim, um produto de estruturas econômicas, sociais e políticas...” (Puebla 30).

Por isso, que os pobres têm como esperança um lugar de amor, amizade, justiça, dignidade, pois “a Páscoa é sempre fruto da Cruz, símbolo da dor” (Puebla 279).

Mensagem aos jovens e às jovens do Brasil

“**N**ós, bispos da Igreja Católica, reunidos em Assembléia, dirigimos nossa saudação amiga e nossa mensagem de confiança à Juventude do Brasil. A isto somos levados também pela recente Carta Apostólica do papa João Paulo II aos jovens e às jovens do mundo, cuja leitura recomendamos vivamente.

Apelos da realidade — Os jovens para nós são um desafio e um apelo em nosso ministério: pelo número de cerca de 32 milhões: aproximadamente 25% da população brasileira na faixa de 15 a 24 anos; pelo ensino deficiente e pela situação sócio-econômica, marcada pela injustiça, desemprego e subemprego, dos quais vocês são as principais vítimas; pela inquietude e inconformismo diante do mundo a ser renovado; pela disposição e vitalidade em construir uma nova sociedade. Alegria-nos que vocês, pela presença e atuação, estejam ocupando espaços na sociedade e na Igreja, organizados em grupos, comunidades e movimentos. Vocês não são, apenas, o futuro, mas também o presente. Vocês contribuem com valores novos que só a Juventude sabe criar e desenvolver. Os jovens são a garantia da juventude da Igreja e da sociedade. Reconhecemos que vocês ainda não ocupam em nossa ação pastoral a prioridade que nossos documentos recomendam. Lamentamos que jovens estejam sendo levados às drogas, à permissividade, ao erotismo e à delinquência e não recebam a devida atenção. Apesar de frutos também da sociedade de consumo, são, contudo, por ela rejeitados e marginalizados. Vocês querem ser livres e não manipulados. Estamos solidários com vocês quando são injustamente lembrados apenas por interesses econômicos, políticos ou ideológicos.

O chamado de Cristo — Jesus Cristo, vivo e ressuscitado, caminha na direção dos jovens. Ele é o Senhor da História e os convida a participarem na construção de seu Reino de verdade, de justiça e de fraternidade,



já presente na nova sociedade que vocês ajudam a construir. O lema que vocês, Jovens do Brasil, escolheram com muito acerto para o Ano Internacional: ‘Juventude Construindo uma Nova Sociedade’ que realmente aconteça, lembrados de que uma nova sociedade se faz com ‘homens novos’ em Cristo Jesus. A Igreja fez opção preferencial também pelos jovens, pela solicitude que deve ter por vocês nesta fase importante da vida e porque vocês são um potencial privilegiado de evangelização e libertação integral dos povos da América Latina.

Desafios — Há pela frente grandes desafios: ser fermento transformador no mundo, seja nos ambientes específicos, seja no seu meio social; dar atenção aos jovens marginalizados — índios, negros, deficientes fisi-

cos e mentais, mulheres, bóias-frias, sem-terra e desempregados — incentivando-os a participar na construção do mundo novo, onde recuperem sua dignidade e vejam respeitados os seus direitos; contribuir para que a Pastoral da Juventude seja orgânica e transformadora, na ação conjunta da Igreja; colaborar para que, na atual conjuntura do País, a Constituinte responda às necessidades e anseios da população brasileira; ser fator de renovação da família para que se torne agente de transformação da sociedade; criar ambiente favorável ao discernimento de sua própria vocação; unir Fé e Vida, criando uma espiritualidade própria dos jovens. Façam de 22 de setembro, Dia Internacional da Juventude, uma expressão vibrante de seus ideais e marco de nova caminhada.

Nossos compromissos — Nós, bispos, nos propomos: escutar, tentar compreender e levar a sério o que vocês nos têm a dizer; acolher, com alegria, a participação da juventude na Pastoral de Conjunto; valorizar os líderes da Pastoral da Juventude e os seus Assessores; apoiar a Comissão Nacional de Pastoral da Juventude bem como os organismos de coordenação regional e diocesana; desencadear em nossas dioceses um processo de reflexão a partir da Carta Apostólica de João Paulo II aos jovens e às jovens e do subsídio oferecido pelo setor de Pastoral da Juventude nesta Assembléia; dedicar, com empenho, tempo e recursos à pastoral da juventude.

Confiamos na ação do Espírito de Deus e no amor sempre novo de Cristo, ‘que renova a face da terra’. Irradiem, pois, jovens, uma nova esperança e, em nome da Igreja e sob a proteção de Nossa Senhora Aparecida, padroeira de nossa Pátria, cumpram, com fidelidade, sua missão evangelizadora, ‘porque vocês são fortes e a palavra de Deus permanece com vocês’ (1Jo 2,14)”. •

*Bispos do Brasil
Itaici, 14 de abril de 1985*

Jovens de fé

André Carbonera

Os jovens estão redescobrando que, sem oração, sem Deus, não se pode viver. Estão redescobrando a extraordinária graça que é ter Jesus no Pão Eucarístico e viver fazendo bem ao outro.



Fim de outono.
Parece verão...

Ano Internacional da Juventude.

Os jovens estão enchendo as igrejas. Em nossa região, pelo menos, a maioria dos fiéis é composta por gente nova, solteira, ou casada.

O materialismo, o consumismo, o vício, o tóxico, a pornografia, toda essa bagunça começa a enojar. Mais. Empurra para o alto, para Deus. Em Deus, o jovem encontra a paz, a força, a garra, a coragem, enfim, condições para viver a honestidade e a pureza.

Sabemos: em matéria de moral e de fé, não há machismo. Podemos ser machões, para brigar, matar, assaltar, arrotar, roubar... Agora, para vencer as tentações e as provocações, sozinhos nada faremos. Precisamos do Senhor, da sua proteção, do amparo de Nossa Senhora. Muitos jovens perceberam tal realidade. A ela se apegaram.

Encanta ver rapazes e gurias, domingo à tarde, percorrer os corredores dos orfanatos e asilos. Levam consolo, alegria, comida, ânimo. O mesmo realizam nos hospitais. Outros se reúnem, a fim de se abastecer espiritualmente. Rezam. Cantam. Preparam as missas paroquiais. Formidável!

Eles poderiam alegar cansaço, temas de aula, namoros, passeios. Poderiam. Porém, não o fazem. Deixam tudo. Superam-se. Eles se esquecem de si mesmos. Pensam mais nos outros.

Qual o principal instigador, ou impulsor? A fé, o amor a Jesus, a graça de Deus. Aliás, todo o grupo de igreja que não reza bastante, hum, vai para o brejo. Sem oração, adeus religião!...

Muitíssimos jovens perceberam isso. Daí, o retorno às comunidades cristãs.

Não quer dizer que tudo esteja bem. Não. Muita coisa deve ser executada. Entretanto, precisamos citar os pontos positivos da mocidade, primordialmente quando se referem a Deus e à fé.

Dizia-me uma jovem professora: "Quando eu me encontro numa fossa, dirijo-me à matriz. Sozinha, falo, xingo, choro diante de Jesus Eucarístico. Ele me entende. Ele me alivia. Como faz bem!"

De fato. Os católicos têm a extraordinária graça da presença de Jesus, no Pão Eucarístico. Urge aproveitar mais. Precisamos ser íntimos amigos de Jesus. Claro, sem falar em Nossa Senhora. Para mim, é inseparável do Filho.

Somente neste ano, em dois meses, esta cidade (Esteio, RS) perdeu sete jovens, na faixa etária de quatorze a vinte e nove anos. Foram mortes trágicas, duríssimas, chocantes. E isso, no Ano Internacional da Juventude... Quais os desígnios de Deus?

Pessoalmente, creio que esses jovens, prematuramente levados, oram e intercedem pela juventude. Uma série de fatores me leva a esta crença. Quanto mais rezarem, melhor. Mais jovens retornarão à vivência cristã. Páscoa não é retorno, mudança, conversão?

Jovens de fé.

Jovens de oração.

Jovens de pureza.

Jovens de Igreja.

Que fazemos pelos jovens?

Ano Internacional da Juventude...

Verãozinho, no outono...

Fim.

PASTORAL DA JUVENTUDE COM EQUILÍBRIO

José Fernandes de Oliveira

A pastoral de juventude exige um mínimo de respeito aos jovens: o respeito ao seu direito de ser informados de acordo com sua capacidade de assimilar o que ouvem.

Entendo e sei que a palavra "equilíbrio" não goza de bom ibope nos dias que são os nossos. Tanta gente medrosa e omissa já pousou de equilibrada, tanta gente insegura ou saudosista já pousou de moderada, que a simples menção da palavra *equilíbrio* gera reação imediata por parte dos jovens. E não são poucos os adultos que também não a apreciam. Os nossos são tempos radicais, que exigem posturas radicais. Falar em pastoral equilibrada em tal situação é quase o mesmo que assumir a pastoral do pano quente ou do deixa-estar-para-ver-como-é-que-fica ... Não obstante é do equilíbrio da pastoral de juventude que pretendo falar.

E se o leitor está pensando que o único equilíbrio imaginável é o da postura política, o leitor que me desculpe, mas lamento informá-lo que está errado. Para chegar a uma visão sócio-política que mereça o nome de equilibrada ou desapaixionada, é preciso primeiro ter uma visão da vida sem unilateralismos. E é o que não acontece com os jovens quando se lhes dá religião nos movimentos e grupos de juventude com excessiva carga de espiritualidade, de estudo ou de ação política ou social. A juventude e o próprio ser humano atuam como um organismo vivo. Qualquer excesso e qualquer carência acabam por ativar, de imediato ou a longo prazo, mecanismos de defesa, para os quais nem a Igreja nem o jovem estão preparados.

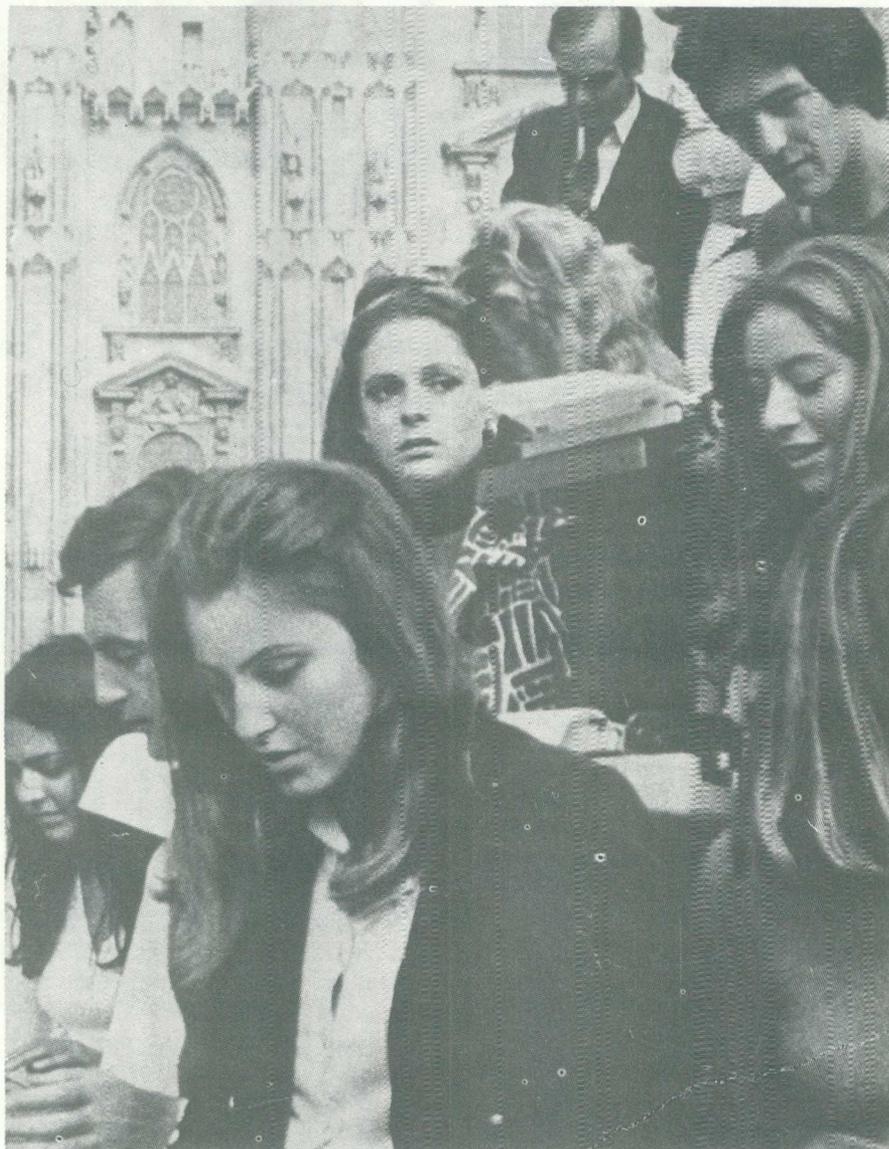
Refiro-me aos grupos e movimentos onde se abusa ou de frases feitas ou de esquemas, ou de linhas; ou, ainda, onde se bitolam os jovens em idéias largas ou estreitas, ao ponto

de estes não verem outra coisa senão o movimento, o grupo ou as frases feitas e aprendidas quase que mecanicamente. Oração demais é como remédio em excesso. Intoxica. Política demais, sociologia demais, brincadeiras demais, esporte em demasia, aulas em excesso, tudo isto pode funcionar em detrimento da pastoral de juventude. Existe um tipo de oração que aliena, um tipo de esporte que aliena, um tipo de música que aliena, um tipo de sociologia que aliena, e um tipo de política que aliena: é a oração, o esporte, a música, a política ou a sociologia em excesso. Há idades em que a mente não assimila o excesso de informação. A idade jovem é uma delas. A sobrecarga pode levar à saturação e conseqüentemente à alienação. De tanto querer inserir, acabam marginalizando os jovens.

Jovens que entraram no partido comunista, jovens que em certa fase foram ativistas universitários, jovens que já foram líderes de Igreja, acabaram depois largando tudo e mostraram-se hoje descrentes e saturados. Ouviram tanto e receberam uma carga tão pesada de doutrinação que ou rompiam com o grupo ou elouqueciam. E isto pode acontecer de novo. Há, na Igreja de algumas dioceses ou paróquias, um certo perigo de que tal saturação se repita. Lá, onde se carrega demais na espiritualidade em jovens ainda imaturos para tal tipo de envolvimento espiritual; lá onde se carrega demais no engajamento e na militância política em jovens que ainda não possuem discernimento suficiente nem para ver ou julgar, quanto mais para agir; lá onde se aliena

demais com músicas, teatros e suaves alienações do quotidiano, há sempre o perigo de um "basta" por parte do jovem cansado de tanta conscientização. O que precisamos entender é que a palavra que liberta também intoxica, quando usada em excesso e sem respeito à capacidade de quem ouve. É princípio elementar da psicologia de que tudo o que é recebido, é recebido à maneira de quem recebe e não de quem transmite. Poderíamos ouvir Einstein por meses a fio e nada assimilar de sua incrível teoria da relatividade, se não tivéssemos uma base adequada para ouvi-lo. Alguns pastoralistas andam esquecidos disto. Descarregam planos, teorias, idéias, denúncias e documentos em cima de jovens que nem sempre possuem a capacidade que aparentam possuir em termos de assimilação dessas verdades. O entusiasmo de um padre e de uma religiosa com pelo menos dez anos de estudos e cursos nem sempre se contém e se modera diante dos ouvidos abertos e sinceros de jovens com bem menos capacidade de receber tudo aquilo com senso crítico. Costumo brincar com alguns "conscientizadores", que desejam desenvolver nos jovens um senso crítico face à sociedade brasileira de hoje, propondo que não se esqueçam de começar ensinando estes jovens a receber a palavra da Igreja com senso crítico... Não há nada mais honesto do que pedir que não engulam primeiro os nossos dogmas, se é que não devem engolir também os do capitalismo ou do comunismo.

A verdade é cristalina, plana e elementar. Quando se alerta para um



postura equilibrada de pastoral, não é de contemporização nem de covardia que se está falando. É de juízo e de critério, atitudes normais de pessoas inteligentes que tenham além disso um mínimo de conhecimento em matéria de pedagogia e psicologia das idades. Aos quinze ou dezenove anos, nem todo jovem está preparado para receber a informação sobre determinada realidade política ou social, com a carga que se lhe transmite. A mesma verdade deve ser dita de uma forma ao jovem universitário de vinte ou vinte e três e, de outra, ao jovem colegial ou operário da mesma ou de menor idade. Há subsídios e contextos que o universitário conhece melhor e circunstâncias que o rapaz do campo ou da periferia entende bem, mas nem sempre tem capacidade para analisar quando a carga é exageradamente ideológica ou religiosa.

É Paulo de Tarso — aquele teimoso, incrível e rebelde doutrina- dor, para uns avançado, para outros tradicionalista e ainda para outros conservador demais, mas honesto e maduro em Jesus Cristo — que propõe estágios de evangelização na epístola aos coríntios (1Cor 3,1-4). Ninguém consegue ter estômago para digerir alimentos sólidos, se não começa dando ao estômago aquilo que na idade mais tenra ele consegue digerir. Com o tempo ele acaba aceitando até os mais intragáveis alimentos ... Dá-se o mesmo com a mente humana. Nem sempre a cabeça dos jovens que nos procuram está pronta para ouvir uma enxurrada de fatos e idéias de cunho social e político. Teriam que ser preparados para isto. Nem sempre o são. Teriam que ser preparados para um compromisso espiritual maior em termos de vida mística. Às

vezes são jogados, sem nenhuma catequese, num misticismo alienante e alienado. Nem sempre entendem a ação em que estão lançados. Acabam como a "Maria, Faz Favor" da novela, ou como dizem os ingleses e americanos, como *Do-Gooders*, fazedores de favor sem nenhum critério e sem fundamentação alguma. Um dia se cansam. E cansam porque descobrem que estão fazendo ou dizendo coisas que não fazem parte de sua natureza nem de sua formação humana. A palavra repetida demais e sem contexto cansa; inclusive a palavra que liberta.

A proposta de uma pastoral de juventude equilibrada não é, pois, a proposta de uma pastoral de centro, ou de centro direita ou ainda de centro esquerda. É, sim, a proposta de uma pastoral inteligente que não ponha o carro na frente dos bois; que não lance no ativismo político quem não tem formação suficiente para saber o que está fazendo; que não jogue numa jornada missionária os jovens que mal conhecem Jesus Cristo; que não empurrem para um apostolado precoce os que sequer se sentem catecúmenos.

Há pastoralistas dando saltos. Há líderes de P.J. queimando etapas na Igreja. Há adultos que deveriam saber melhor que não se brinca com o idealismo de ninguém, propondo e levando os jovens a empresas para as quais sua mente não está apta. Alguém matreiramente iria perguntar: e quando um jovem está apto? E responderíamos também matreiramente: consultem um psicólogo, um pedagogo ou, melhor ainda, comprem livros ou façam um curso de pedagogia ... Esta, quando falta, produz o que se vê por aí em termos de "conscientização" errada e sem critério. A pastoral de juventude exige um mínimo de respeito aos jovens: *o respeito ao seu direito de ser informados de acordo com sua capacidade de assimilar o que ouvem.*

E o assunto não é nada engraçado. A instrumentalização do jovem pode ser tudo, menos evangelização. O bom pastoralista, tenha simpatias pela direita ou pela esquerda, pelo centro ou pelas intermediárias, sabe do que estou falando. A pedagogia está fazendo falta em muitos grupos e movimentos de juventude. Que seja reintroduzida ...

Um sacrifício chamado "Eucaristia"

José Cristo Rey Garcia Paredes

Quando se celebra e se compreende a Eucaristia como um autêntico sacrifício, não só de Cristo, mas também da comunidade, então se aprecia o "perigo" inerente em cada Eucaristia.

A ROTINA

Resulta pouco "arriscado" celebrar a Eucaristia na maioria de nossas comunidades cristãs. Não podemos afirmar com honestidade que *nossa* vida "perigue" ou perca sua segurança quando vamos à missa. Temos acomodado nossas Eucaristias ao nosso modo natural de ver a realidade, ao nosso conforto, à nossa técnica, inclusive ao nosso próprio pensamento. Poderíamos dizer que aceitamos também uma *certa* crítica ao nosso viver em cada Eucaristia, mas aceitamos este inconveniente como um elemento necessário ao *sistema*. Mas, a que Igreja de nosso mundo vão os cristãos celebrar sua Eucaristia com a insegurança de "poder perder a própria vida por Cristo e o Evangelho"? Pergunto a mim mesmo, muitas vezes, em que medida podemos celebrar a redenção do Senhor, quando não nos sentimos "pobres", quando cremos que somos "livres", quando "amamos tanto nossa própria vida".

A EUCARISTIA É UM SACRIFÍCIO

Mas a Eucaristia é SACRIFÍCIO. O sacrifício de Cristo se faz presente e inclui em sua dinâmica de vida toda a comunidade dos crentes. O que crê tem de apresentar sua vida como vida sacrificada. Há de unir o próprio sacrifício ao sacrifício de Cristo.

aspecto de sacrifício da comunidade, que se une ao Sacrifício de Cristo. Visto, pois, que nossa volta a Deus, desde nossa situação de pecado, não pode ser simplesmente um retorno, mas implica um rompimento, uma morte ao pecado, o aspecto sacrificial da Eucaristia pressupõe a confissão de nossos pecados perante a comunidade, pressupõe a consciência de sentir-nos excluídos dela na medida em que tenhamos atentado contra sua unidade; pois, sentindo

Sacrifício significa sobretudo a entrega absoluta de nossa vida humana a Deus Pai; reconhecer que não nos pertencemos e que somos de sua propriedade. Na celebração da Eucaristia deve ficar claro este





esse distanciamento de nossa comunidade cristã, é como se experimentássemos visivelmente nosso afastamento de Deus.

UM MEMORIAL

A Eucaristia não se salva como sacrifício pelo mero fato de recordar o sacrifício de Cristo. A lembrança de um sacrifício não é como tal um sacrifício. Mas, se compreendemos o que significa, em seu sentido originário hebreu, a palavra "memorial" repetida em nossas celebrações, então a Eucaristia é "lembrança" não só porque traz à nossa memória acontecimentos passados, mas porque os torna presentes de um modo sacramental e os coloca "perigosamente" diante de nossa vida. Neste momento a Eucaristia se converte também no sacrifício da comunidade cristã que "quer suprir em sua carne o que falta na Paixão do Senhor".

A EUCARISTIA E A COMUNIDADE

Se queremos que a Eucaristia tenha verdadeiro significado

sacramental e sacrificial, temos que tornar claro nela como nossa comunidade crente vai morrendo para o mundo, como proclama a morte do Senhor até que Ele venha, não somente com palavras, fórmulas e leituras ou homilias, mas com a apresentação do morrer concreto para a realidade do pecado. Só assim a Eucaristia se torna criadora ou discriminadora da verdadeira comunidade. A comunidade cristã se sente nela refeita, intensificada em seu ser. Num primeiro momento a Eucaristia como sacrifício é acusadora, condenativa e contestatória, e obriga a comunidade cristã a purificar-se e encontrar-se a si mesma. Embora isso pareça demasiado para a nossa mentalidade, ela obriga também a excluir dela, da "comunhão", a pessoa que não se identifique com o ideal de rejeição de toda realidade de pecado. Se vissemos a realidade concreta, teríamos que dizer que nos temos acostumado "em demasiado" a manter "ex-comungados" em nossas celebrações eucarísticas dos domingos. Com a palavra *ex-comungados*, me refiro àqueles que têm

considerado *normal* assistir à missa sem comungar e sem necessidade de arrepender-se de seus pecados. Nestas Eucaristias não se celebra o primeiro elemento de todo sacrifício, que consiste em abandonar todo esse mundo que nos escraviza e nos mantém afastados de Deus e de sua comunidade de salvação.

VIVÊNCIA DOLOROSA DA EUCARISTIA

Quando se celebra e compreende-se a Eucaristia como um autêntico sacrifício, não só de Cristo, mas também da comunidade, então se aprecia o "perigo" inerente em cada Eucaristia. É amargo acusar-nos e sentirmo-nos acusados. É doloroso empreender nosso caminho de volta a Deus, tendo que deixar "pai ou mãe, filhos ou filhas, campos, amizades..." Na realidade, temos que ser muito mais severos ao considerar nossa dignidade ou indignidade para celebrar a Eucaristia. Temo-la privado de seu aspecto doloroso, de morte. Temo-la *dessacrificado*.

Outro elemento que deveria tornar-se claro na Eucaristia, já não é nosso sacrifício, na medida em que nos desliga de uma situação de pecado, mas de nosso sacrifício de viver "segundo os desígnios que o Pai tem sobre o mundo". Nenhuma de nossas vivências dolorosas é alheia ao Mistério de Cristo; somente nele podem encontrar o sentido da dor alguns pais de família, ou alguns velhos que vivem na solidão. A Eucaristia deve ser um desses momentos iluminados do nosso caminho de sacrifício. Quando a dor parece um absurdo, ou os homens vêm que a única saída consiste em buscar desesperadamente uma solução, então a Eucaristia dá uma resposta, que só pode ser compreendida na fé. O Cristo que morreu está diante da comunidade para *morrer* com ela. A Vida *total* é sempre esperança... "até que Ele venha". ●

Uma mesa para todos

José Geraldo Vidigal de Carvalho

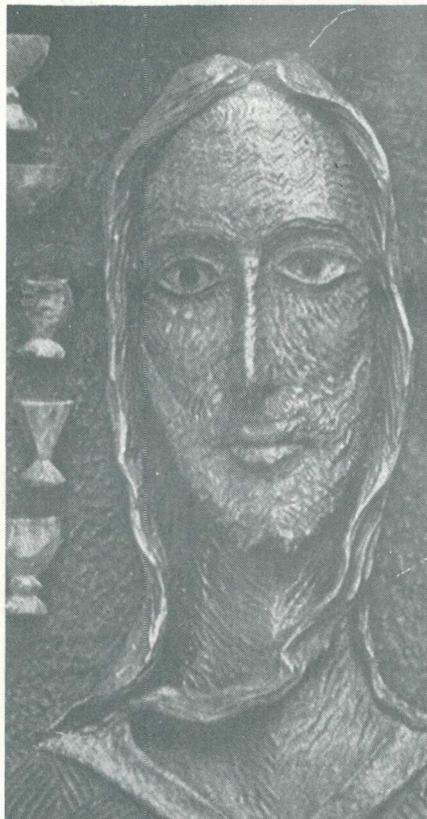
“Felizes os convidados para a Ceia do Senhor”, diz a liturgia. O banquete eucarístico é um amável convite feito por Deus a todas as pessoas.

O sentido de uma reunião em torno de uma mesa para uma refeição tem sido exaltado entre todos os povos nas mais diversas épocas. Os convivas, realmente, se ligam numa empatia profunda. As idéias circulam descontraídas. A conversa transcorre amena. Quantas decisões importantes têm sido tomadas nestes instantes de tertúlias amigas! Como é bom receber convidados! Causa júbilo ser agraciado com um convite para uma refeição junto com os amigos.

Este ato, porém, atingiu o ápice de sua beleza no Cenáculo, quando Cristo, reunindo os doze apóstolos, afirmou: “Tenho desejado ardentemente comer convosco esta páscoa, antes de sofrer” (Lc 22,14).

Foi uma ceia preparada através das mais expressivas imagens veterotestamentárias. Célebres as passagens que falam do maná que os filhos de Israel comeram durante quarenta anos (Ex 16,35) e ao qual diretamente se referiu o Cristo (Jo 6,31). Típica é a cena de Melquisedec, rei de Salém, abençoando e oferecendo o pão e o vinho (Gen 14,18-19). O pão que o profeta Elias, desanimado e ansioso de morrer, prodigiosamente recebe (3 Reis 17,6), é também um vislumbre deste outro manjar muito mais apto para restabelecer o ânimo e dar coragem.

Com sua fina psicologia, o Filho de Deus dispôs seus discípulos para o instante solene da instituição eucarística. À multiplicação dos pães segue-se a alusão ao pão do céu. O capítulo sexto de São João é amostra de uma fina pedagogia, preparando os espíritos para receberem o pão do céu. O raciocínio do Mestre é tão claro, patenteando que ele daria este alimento celeste, que, instintivamente, os ouvintes exclamaram: “Dá-nos sempre deste pão” (vers. 34). Jesus é



então taxativo: “Eu sou o pão da vida” (vers. 35).

No Cenáculo, local nobre e adrede arranjado, Ele toma um dos pães que está à sua frente. Parte-o e afirma categoricamente: “Isto é o meu corpo” (Lc 22,19). Dá a cada um deste mesmo pão que vai partindo num fidalgo gesto amigo. O dar e o receber! Relação interpessoal entre ele e o discípulo. União entre todos que comem do mesmo alimento transsubstanciado no corpo do Mestre. O mesmo se dá com o cálice (Lc 22,20). Renova-se o liame que prende todos os que agora bebem o sangue divino.

Naquele instante comovente entendiam os Apóstolos a questão levantada em Cafarnaum: “Como pode este dar-nos a comer a sua carne?”

(Jo 6,53). Por certo os discípulos, que acharam naquele dia dura a linguagem de Cristo, bendisseram não terem, também eles, se desligado dele. Jesus fora franco naquela oportunidade, vendo que muitos o abandonavam. Dissera claramente aos Doze: “Quereis vós também retirar-vos?” (Jo 6,70). Mas eles haviam acreditado e fizeram então sábia opção.

Sua fé e fidelidade estavam recompensadas com aquele convívio tão sublime. Agora eles compreendiam que a natureza e as leis do amor exigiam a comum união entre o Filho de Deus e os homens aos quais ele devotava tanta dileção. Cumpria-se o que ele dissera: “Eis que estarei convosco todos os dias até à consumação dos séculos” (Mt 28,20). Aliás, São João escreveria, referindo-se ao Sacramento de Amor: “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1).

Estava instituída a Eucaristia. Com ela concretizava-se a magna promessa do Redentor: “Quem come deste pão, viverá eternamente” (Jo 6,59).

Eis por que a liturgia declara: “Felizes os convidados para a Ceia do Senhor”. É um amável convite feito por Deus. A Eucaristia está dentro da estrutura dialogal da Aliança, na qual, para honra do homem, é o Onipotente quem toma a iniciativa. Ele revela-lhes sua presença de Ressuscitado e comunica-lhes sua força para os embates espirituais.

Cumpra, assim, repetir com os Apóstolos, numa prece ardente: “Dá-nos sempre deste pão”.

À delicadeza de Cristo em se fazer alimento e bebida, cumpre a correspondência humana em sempre se deleitar com este banquete celestial.

Ventura ímpar a do fiel chamado a tão excelso festim!

AMOR E ÓDIO - DECISÕES

Mauro Martins AmatuZZi

Amor e ódio são sentimentos que se completam na opção. Uma pessoa que tenha real experiência de amar, provavelmente escolherá este caminho.

As coisas vão além dos sentimentos e chegam ao nível das decisões, das escolhas.

Assim como o amor é um sentimento que se completa na opção, assim também o ódio. O ódio puro não é só sentimento: é opção. É opção por se fechar. Não é necessário que essas pessoas sejam habitualmente anti-sociais. Podem ser até muito afáveis. Mas desde que seus interesses não estejam em jogo. Porque, se for preciso destruir, ou matar, nessas horas, então esta será a decisão.

Pessoalmente gostaria de acreditar que uma semelhante pureza no ódio, uma opção pelo fechamento, não seja possível a seres humanos. Mas acho que não posso.

Quando uma pessoa está em busca de um sentido para sua vida, isto quer dizer que está em busca de algo como criar, desenvolver-se, fazer-se existir, se ousar dizer, realizar-se. Enfim, superar-se a si mesmo. Mas pode acontecer que uma pessoa não encontre saída nenhuma para isso a não ser destruindo. Então opta pela destruição. E o sentido de sua vida passa a ser esse. É uma opção pela vida, mas ao inverso, indireta. Viver para ela significa destruir.

Acontece, entretanto, que o ódio não é um paralelo do amor, de igual qualidade, e que você pode optar por um ou por outro indiferentemente. O fechar-se leva a um vazio, e o abrir-se leva a uma realização.

Uma pessoa que tenha real experiência do abrir-se, provavelmente escolherá este caminho. Porque ele condiz mais com as aspirações profundas plantadas em nós.



Por isso, prefiro acreditar que o ódio puro, isto é, o ódio como escolha, implica sempre em alguma falta de experiência, quer dizer, em algum nível de imaturidade. Por isso, é tão difícil julgar as pessoas. Aqui prefiro acreditar que o ser humano, embora possa julgar atos, não deve julgar pessoas. A gente pode errar.

Esta suposição, em todo caso, tem sido mais proveitosa. Ela te predispõe a ajudar e não a destruir. Ela te predispõe a construir a paz e não a aniquilar o adversário. Não digo, porém, que seja fácil.

Acho que o dilema mais pro-

fundo que o ser humano encontra é o dilema entre o viver e o não viver. O partilhar ou não da vida. O abrir-se ou fechar-se. A opção mais construtiva é evidentemente a opção pelo viver. E o indivíduo pode sentir em si um impulso inerente nessa direção. Mas esse impulso não é absoluto, isto é, você pode contrariá-lo. Assumi-lo, portanto, implica num ato de confiança. Confiança na vida. Confiança naquilo que de mais profundo existe em você. Mas é confiança e não algo de absolutamente necessário ou lógico.

Na base de todo viver existe uma fé. •



Os 220 mil índios do Brasil querem viver

Pe. Natalício José Weschenfelder

A Reforma Agrária começa a desabrochar. A esperança dos sem-terra começa a se tornar realidade. No atual processo de justiça para os que dependem somente da terra, os índios brasileiros ocupam lugar de destaque. Segue um quadro sintético da atual situação do índio no Brasil.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, havia 5 milhões de índios espalhados pelo território nacional. Agora este número não ultrapassa as cifras de 220 mil. Nos últimos 70 anos foram dizimados 80 povos indígenas, dizimados por doenças ou pela ganância do branco conquistador. Seus descendentes hoje são peões, empregados de fazendas, posseiros, bóias-frias e favelados. Poucos são os índios que têm emprego estável e compensador.

ÁREAS INDÍGENAS

Não bastassem todas as dificuldades pelas quais os índios passaram

na história até nossos dias, a maior problemática é a das terras. As áreas indígenas hoje são 568. Demarcadas são apenas 124 e não demarcadas são 444. Apenas 71 áreas são demarcadas e não têm conflitos. Quando em 1973 foi promulgado o Estatuto do Índio pela lei 6.001, nasceu uma grande esperança para os índios. Todavia, no dia 10 de novembro de 1983 foi assinada lei que permitia que todas as empresas, que extraem minério e demais minerais da terra, entrassem nas áreas indígenas.

Há conflitos em muitas áreas indígenas, gerados pelo desejo de mineração e exploração das terras para

e agricultura por empresas nacionais e estrangeiras. Assim, temos conflitos sérios na área dos pataxós no sul da Bahia; os projetos de desenvolvimento econômico, como o de Carajás, Pólo Noroeste e Tucuruí que prejudicam a vida comunitária dos índios; no Pará, os paracanãs perderam 65 mil hectares de suas terras roubadas pela barragem de Tucuruí.

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO DOS ÍNDIOS DO BRASIL

Sobre o futuro da causa indígena pesam os descertos e as violências de um longo passado de massacres e incompreensões. O Conselho Indigenista Missionário propõe algumas pistas para a solução da causa indígena:

1. O fortalecimento do movimento dos povos indígenas e sua organização que favoreça a participação nas decisões que dizem respeito à vida deles, a nível de aldeias, de regiões e nacional.

2. Exigir a demarcação das terras indígenas e a revogação do decreto nº 88.985, de 10 de novembro de 1983, que abriu as reservas indígenas à exploração das mineradoras.

3. Reforçar as alianças com os setores populares que defendem a problemática indígena integral.

4. Se no ano 2000 não existirem mais índios, a culpa é de todos nós que não os defendemos.

TERRA PARA OS ÍNDIOS

O decreto que regulamenta as atividades de mineração em áreas indígenas, assinado pelo Presidente da República no dia 9 de janeiro de 1985, é uma afronta aos povos primitivos deste País. Os índios reivindicam menos de 2% do Território Nacional. Por que negar tão pouco a quem tinha tudo? A terra é fundamental para a sobrevivência dos índios.

Bartolomeu de las Casas, frade dominicano e bispo de Chiapas (México), conviveu 50 anos com povos indígenas e ele assim se expressou: "Os índios são humildes, pacientes, pacíficos e quietos. São os povos mais delicados, doces, mansos, ternos, que eu vi na minha vida, em toda a face da terra".

OS POVOS INDÍGENAS NO SUL DO BRASIL

Nos 4 Estados do Sul estão localizados os índios Caingangues, Xokleng, Guaranis, Xetás e os Terenas.

No Estado de São Paulo acham-se 4 áreas indígenas, ou seja, Icatu em Braúna; Posto Vanuíre em Tupã; Posto Araribá em Avaí e o Posto Indígena de Peruíbe em Peruíbe.

No Estado do Paraná estão localizados os seguintes postos indígenas: Laranjinha em Santa Amélia; Pi-

nhalzinho em Tomazina; Barão de Antonina em São Jerônimo da Serra; o Posto Apucarana em Londrina; Queimadas em Ortigueira; Faxinal em Cândido de Abreu; Guarapuava em Guarapuava; Ivaí em Manoel Ribas; Rio das Cobras em Laranjeiras do Sul; Mangueirinha em Palmas. O total das terras dos índios do Paraná é de 57.001 ha, somando 4.028 índios.

Em Santa Catarina há duas áreas indígenas em Xanxerê e Ibirama com um total de 2.200 índios, que ocupam uma área de 30.338 ha.

Há no R. Grande do Sul índios em Santo Augusto, Tenente Portela, Nonoai, São Valentim, Tapejara e Cacique Doble, num total de 5.380 índios, que ocupam uma área de 50.680 ha.

Em todo o sul do País devem existir 13.500 índios, pois muitos não residem em áreas oficiais da Fundação Nacional do Índio.

CASO MANGUEIRINHA AINDA SEM SOLUÇÃO

A área do Posto Indígena de Mangueirinha era inicialmente de 17.780 ha e a área atual é de apenas 8.004 hectares. O decreto da área original é de nº 64, de 2/3/1903, do Governo do Paraná. Em 1949 foram retirados dos índios de Mangueirinha

8.976 hectares de terras cobertas de pinheiros e outras árvores de valor. Trata-se de uma reserva de 150 mil pinheiros. A referida área foi retirada dos índios de Mangueirinha pelo Governador Moisés Lupion. Todo este contrato irregular está no Diário Oficial da União do dia 18 de maio de 1949. Entre outros, o Acordo de 1949 é irregular por diversos motivos:

1. Violação frontal do direito das comunidades indígenas à posse das terras, e da respectiva inalienabilidade, asseguradas pelo Artigo 216 da Constituição de 1946;

2. Reconhecimento, no acordo, do domínio do Estado do Paraná sobre as questionadas terras, quando duas delas, Mangueirinha e Rio das Cobras, estão localizadas na faixa de fronteira, sendo, portanto, do domínio da União, conforme as sucessivas Constituições Federais (a vigente inclui ainda as terras indígenas, conforme o art. 4º, IV, e do Decreto-Lei nº 9.760/46).

3. Ausência do prévio consentimento do Conselho de Segurança Nacional na forma do Art. 180, I, da mesma Cons. Federal.

4. Desrespeito ao Art. 23, XII, da então Constituição Estadual de 1947, que condicionava à prévia autorização da Assembléia Legislativa cessão ou venda de terras de reserva superior a 500 hectares.

A PALAVRA DO PAPA

RESPONSABILIDADE DE TODOS OS CRISTÃOS: FAZER O POSSÍVEL E O IMPOSSÍVEL PARA UMA SOCIEDADE JUSTA

"Uma vez mais, em nome do Evangelho, devemos convocar todos os cristãos para um esforço sem descanso. Para obter uma sociedade mais justa, onde a vida de todos seja mais humana, mais digna do homem. Devemos esforçar-nos por conseguir que desapareça gradualmente esse abismo intolerável que separa aqueles que possuem excessivas riquezas, pouco numerosos, das grandes multidões de pobres e dos que, inclusivamente, vivem na miséria. É preciso fazer todo o possível e

até quase o impossível, para que, primeiro que tudo, este abismo não aumente mas vá diminuindo, em benefício de uma maior igualdade social; de tal modo que a atual distribuição, muitas vezes injusta, dos bens produzidos pelo trabalho de todos, ceda o lugar a uma distribuição mais justa entre os vários setores da sociedade".

*(Aos trabalhadores em Quito
30 de janeiro de 1985).*

RESPONSABILIDADE DOS GOVERNANTES: PROCURAR UM MAIOR EQUILÍBRIO SOCIAL

"Quero fazer um premente apelo à consciência dos governantes e dos responsáveis da sociedade, assim como à de todos os católicos, particularmente daqueles que têm

mais meios ou poder de influência, a fim de que procurem um maior equilíbrio social e mostrem ainda mais solidariedade com o necessitado e o que sofre, recordando as palavras de Jesus: 'Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes' (Mt 25,40). Que ninguém se sinta tranquilo enquanto houver uma criança sem escola, uma família sem casa, um trabalhador sem trabalho, um doente ou um ancião sem adequada assistência. A Igreja, por seu lado, continuará seu trabalho apostólico e assistencial, colaborando com todos os meios à sua disposição para elevar a qualidade de vida de todos os cidadãos".

*(Aos habitantes pobres
do bairro Guasmo,
periferia de Guayaquil, Equador
1º de fevereiro de 1985).*

Rádio do povo: a única rádio onde você pode falar!

Ana Valim

...No ar quatro cornetas, um microfone, um toca-disco, um gravador, um amplificador: é a voz do povo que extrapola do alto da torre da igreja da favela Nossa Senhora Aparecida, em Ermelindo Matarazzo... Todos os sábados, das dez da manhã ao meio-dia.

É visível a penetração e a influência do rádio na vida do nosso povo. Basta andar pelas casas, seja no bairro classe média, seja na periferia, o rádio está presente e com ele a vasta e, ao mesmo tempo, limitada programação. O rádio não serve somente para informar, não. Para muitas pessoas ele é o "companheiro", é aquele que fabrica sonhos, é aquele que fala às empregadas domésticas, ("minhas queridas empregadas domésticas!"), fala aos caminhoneiros, fala à dona-de-casa. O problema é que na maioria das emissoras é só o rádio que fala, o povo não tem voz, só ouvidos.

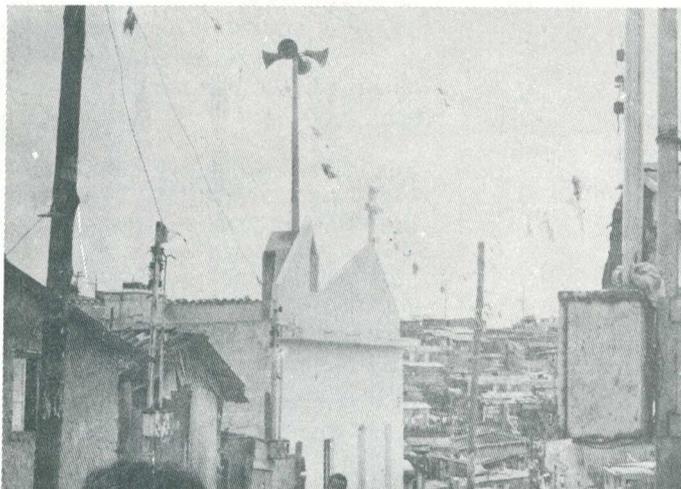
...No ar quatro cornetas, um microfone, um toca-disco, um gravador, um amplificador: é a voz do povo que extrapola do alto da torre da igreja da favela Nossa Senhora Aparecida, em Ermelindo Matarazzo, São Paulo. Todos os sábados, das dez da manhã ao meio-dia. O povo fala dos fatos recentes, fala de seus problemas, convoca todo o mundo para buscar soluções. É a "Rádio do Povo" que, longe de ser um adversário para a rádio comercial, é antes uma tentativa de comunicar e chamar o povo para a organização (o programa é levado ao ar depois dos programas do Gil Gomes e do Afanásio).

"Rádio do Povo" em ação

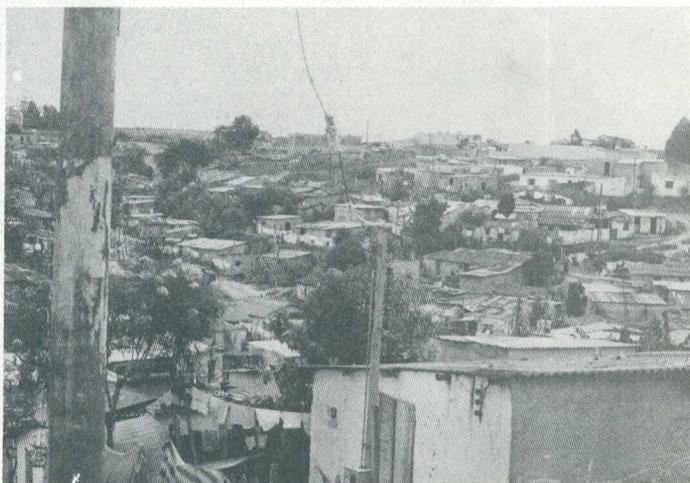
Não é preciso ligar o botão, basta estar em casa, ou por perto da favela Nossa Senhora Aparecida para sintonizar a "Rádio do Povo", como é chamada a experiência de comunicação alternativa de Ermelindo Matarazzo; aliás, a primeira no Estado de São Paulo.

Na verdade, a implantação da rádio popular foi resultado de todo um processo de pesquisas e debates em torno da idéia de se buscar uma forma de chamar o povo a participar das reuniões e lutas da comunidade. A princípio o grupo de comunicação,

formado há dois anos por moradores da favela e seminaristas que atuam na pastoral local, aderiu ao megafone para convocar o pessoal para as reuniões, porém o resultado não foi satisfatório. Surgiu então a idéia de se fixar uma corneta no alto da torre da igreja: e, como durante as pesquisas com a população, o grupo constatou que o problema comum era o da terra (parte dos barracos está em terreno da prefeitura, parte em área particular), surge uma nova idéia: a de fazer uso do som para também conscientizar mais o povo de seus problemas e direitos, dando-lhe vez e voz.



... No ar quatro cornetas... é a voz do povo que extrapola do alto da torre da igreja...



... da favela Nossa Senhora Aparecida, em Ermelindo Matarazzo, São Paulo

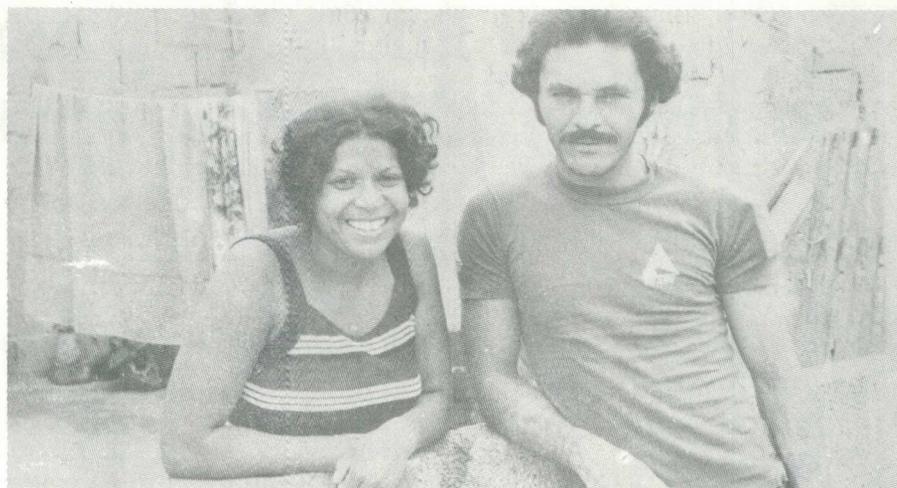
Atualmente o grupo de comunicação se divide em quatro equipes: mural, entrevista, dinâmica e notícias. O pessoal do mural recolhe materiais para formação e maior conhecimento do grupo; o da notícia lê jornais, revistas e livros; o da entrevista sai pelas casas, não só da favela mas de todo o bairro, recolhendo opiniões sobre os vários assuntos e problemas comuns. Finalmente, a equipe da dinâmica é responsável pela programação dos sábados, inclusive da transmissão. É gente simples e com muita garra, entre eles, a Sônia, uma jovem de 26 anos que parou de estudar no primeiro colegial e atualmente é pagem numa creche da prefeitura. Há também o José Carlos que veio de Sergipe em novembro do ano passado, 19 anos, poeta do povo, eletricitista, faz parte do projeto de padaria comunitária que está sendo implantado também na favela Nossa Senhora Aparecida.

O que diz o povo

Enquanto lava roupa, dona Irene ouve o programa da "Rádio do Povo". "Eu acho bom, a rádio fala da comunidade, da luta pela terra, dos problemas da favela, toca música".

Vanda Lúcia, de seis anos, não entende muito, a única coisa que sabe é que gosta bastante — "Até paro para ouvir".

Vera Lúcia e Cosmos Soares Silva é um casal que veio fazer pouco tempo para a favela, nordestinos, pais de quatro filhos. Para eles a "Rádio do Povo" é muito boa, fala



Vera Lúcia e Cosmos: a "Rádio do Povo" é muito boa, fala de Deus, "fala desse negócio de asfalto, de esgoto".

de Deus, "fala desse negócio de asfalto, de esgoto".

Mas, houve um fato que confirmou o prestígio da rádio popular de Ermelindo Matarazzo. Há um tempo atrás foram roubados alguns aparelhos da rádio, que ficou mais de um mês parada. O povo sentiu o silêncio, contou José Carlos, veio saber o porquê e se uniu para comprar novos aparelhos. "Aí a gente teve certeza de que a Rádio Popular era democrática", concluiu.

Rádio comercial versus popular

Segundo Sônia, do grupo de comunicação da favela Nossa Senhora Aparecida, o programa que o pessoal ouve mesmo é o Gil Gomes, o Afanásio, tanto que o programa da Rádio

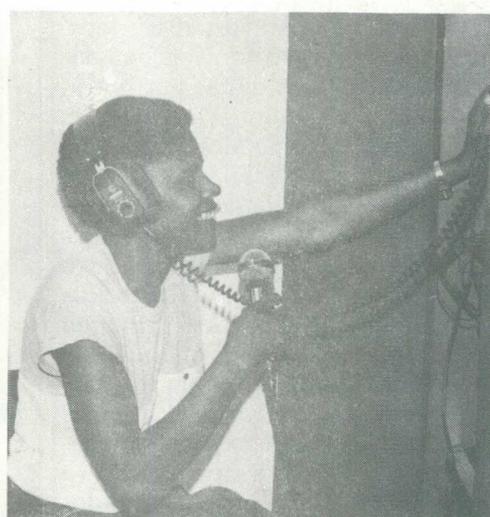
Popular vai ao ar após esta programação.

De acordo com José Carlos, também do grupo de comunicação, na grande rádio a gente pobre não tem vez. "Já que lá não podemos falar nossos problemas, falamos aqui", assegurou. Zé Carlos chamou a atenção para o fato de que nas grandes emissoras, não só de rádio, como também de televisão, as notícias que interessam ou que falam do povo são cortadas, ou resumidas: "Elas não servem para o povo", enfatizou.

Por outro lado, não é bem assim que pensa o professor e diretor da Rádio USP, Luiz Fernando Santoro. Segundo o professor, a rádio ou TV democrática é aquela que atende às várias classes. "Não é baderna", assegurou Santoro. "É diversificação proporcional, ou seja, não é passar a mesma coisa para todo o mundo, mas



A "Rádio do Povo" leva ao ar programações populares (assuntos e problemas comunitários) que José Carlos...



... e Sônia transmitem com dedicação.

respeitar a especificidade de cada grupo". Disse ainda que, no âmbito da rádio comercial, os movimentos populares, sindicais, não devem ter uma emissora específica, mas sim, um espaço. Neste sentido Santoro afirmou que a nível de programação tem que haver uma reestruturação das grandes emissoras. Elas têm que dar espaço para o popular, romper com a massificação. Aliás, como assegurou Santoro, do jeito que estão estruturados os meios de comunicação, não se tem espaço para mais nada a não ser que se atenda a interesses específicos de grupos dominantes. Apesar disso, existem tentativas. Santoro citou a experiência da rádio USP-FM, da qual é diretor. A programação tenta atender a todas as classes. Em pesquisa feita recentemente conseguiu assegurar do 10º ao 5º lugar em audiência entre as 22 emissoras FM que chegam a São Paulo.

Em entrevista à Revista Ave-Maria e Cidade Nova, o jornalista Joelmir Betting afirmou que "o rádio, para atingir as periferias da vida, as periferias do País, as fronteiras do País, tem que ser realmente rádio". "Não há outra condição, assegurou Joelmir, até porque o rádio pega o cidadão no trabalho, pega a mulher no trabalho, pega o homem se deslocando, no transporte. O radinho de pilha é um negócio fantástico. E esse tipo de gente não tem condições de leitura, de coisa nenhuma; e, se tiver de leitura, não tem condição de absorção". Segundo o jornalista, a linguagem do rádio é aberta. "O cidadão que lê um texto no papel vai absorver 30% e, se ele ouvir aquilo no rádio, vai absorver 100%", concluiu.

Escolas de comunicação falham

Segundo Luiz Fernando Santoro, que também é professor no Centro de Pós-graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior e na ECA-Escola de Comunicação e Arte da USP, as escolas de comunicação falham na formação do profissional da área. Como disse, a maioria das faculdades prepara comunicador para trabalhar nas grandes emissoras, sem nenhuma visão ou compromisso com o popular.

Por outro lado, apesar de as escolas de comunicação não se preocupa-

rem com uma visão mais popular, muitos alunos da área buscam conhecimentos e experiências paralelas. É o caso de um grupo da USP que vem acompanhando a experiência da "Rádio do Povo" da favela Nossa Senhora Aparecida, de Ermelindo Matarazzo. Márcio Venceguerra está cursando o segundo ano de jornalismo e se diz simpaticamente de toda forma de comunicação alternativa. Fazendo parte do mesmo grupo estão Rubens Meyer, também estudante de jornalismo, e Miriam de Fátima Augusto que faz Sociologia; ambos participam da Pastoral Universitária. Segundo Rubens o seu envolvimento maior com o grupo de comunicação de Ermelindo Matarazzo se dá a nível de linha da Igreja; e, juntamente com Miriam, eles pretendem criar um centro de assessoria aos movimentos populares no que se refere a comunicação. O centro deverá reunir universitários voltados para a organização popular.

Os estudantes, segundo um dos seminaristas que participa da Rádio Popular, são bem-vindos desde que optem pela caminhada do povo, senão corre-se o risco de entrar no mesmo esquema dos meios de comunicação convencionais.

"Rádio do Povo" promove encontro

No mês de maio passado foi realizado o I Encontro de Rádio Popular reunindo representantes de todo o setor de São Miguel: Itaim, Ermelindo Matarazzo, Guaianazes. O encontro teve como objetivo a troca de experiências de comunicação popular nas suas várias formas: rádio, mural, panfletos, megafones em carro; a partir especialmente da Rádio Popular, que está completando seu primeiro ano de funcionamento.

Depois de um ano de lutas, dificuldades e conquistas, a "Rádio do Povo" já pode definir suas diretrizes: educar a população, a partir de seus direitos; mobilizar os moradores do bairro para uma ação comunitária em torno dos problemas comuns; entreter o povo; promover valores culturais e artísticos populares. Além disso, evangeliza através da leitura e comentário da Palavra de Deus na primeira meia hora do programa.

JOVEM

JÁ PENSOU NO CAMINHO A SEGUIR? QUER SERVIR?



Quer ser gente que se preocupa com gente?
UMA SUGESTÃO...

Venha dar sua vida a Cristo na pessoa do irmão mais carente, do menor abandonado. Aqui as Irmãs, SEGUINDO São Francisco, pobre dos bens deste mundo, procuram viver o Evangelho de Cristo através de uma vida de oração, de pobreza, em dimensão de amor e serviço.

MAIS INFORMAÇÕES

Congregação das Irmãs Franciscanas de N. Senhora do Amparo.
Av. Roberto Silveira, 150
C.P. 90062
25.000 Petrópolis - RJ
Fone: 42-0868

PROVIDÊNCIA E ORAÇÃO

Pe. Isidoro De Nadai

Dizia uma velhinha que Deus perdeu uma grande ocasião de marcar sua presença, fazendo o milagre de salvar a vida de Tancredo Neves.

Assim de imediato, é o que quase todos pensamos, embora não nos atrevêssemos a exprimi-lo...

Infelizmente, há muita gente dizendo, desencantada, que nunca mais vai rezar, pois a oração de 130 milhões de brasileiros acabou sendo inútil.

Confessemos, ou não, todos sentimos grande frustração diante da inexorabilidade dos acontecimentos.

A gente não consegue compreender que, depois de tão longa espera e de tantas peripécias, uma cabeça tão lúcida e tão limpa, um coração tão puro e uma vontade tão reta e decidida não estejam mais a serviço do Brasil, que tanto necessitava das mesmas.

Chega a ser cruel, para não dizer trágico!

Mas é preciso que a gente aprenda a ver melhor o mistério da Providência e o valor da oração.

Há tempo que este humilde escriba vem alertando para um certo milagrismo, que vem tomando conta de alguns movimentos católicos. Inculca-se a necessidade de que, ao orar, se esteja absolutamente certo de que se vai conseguir exatamente o que se pede. Apela-se para os primeiros tempos da Igreja, quando os milagres se multiplicavam, e garante-se que, se hoje isso não acontece, é porque falta fé...

Ora, não se pode esquecer que a oração é essencialmente condicionada pelos desígnios insondáveis da Providência.

Eu sei que assegurar que a oração é infalível para conseguir o que se pede, pode trazer consolo imediato a quem sofre. Sei também que a oração feita na certeza é uma grande arma psicológica para os casos nos quais o mal tem raízes mentais. Mas estou convicto de que, ao rezar, tenho que me colocar muito mais na disposição de pedir ao Senhor que me ajude a suportar os sofrimentos,



do que na certeza de que Deus os fará cessar necessariamente. Essa foi sempre a oração de Jesus.

A Providência segue quase sempre os caminhos normais da natureza, criada por Deus, dos cuidados devidos com a saúde, da morigeração, da técnica e da diligência dos médicos.

No caso de nosso saudoso Presidente, por ser sempre morigerado, ele suportou muito mais do que se poderia imaginar. Mas, convenhamos que, seguindo o ensinamento de Cristo, ele não resguardou a saúde, preferindo ganhar a vida para a Pátria e para Deus, do que ganhá-la egoisticamente para si. Superou a natureza, pelo espírito, mas aquela seguiu a sua trajetória normal...

Mas, então, para que serve a oração? Ora, em primeiro lugar, para nos colocarmos nas mãos de Deus, como fez Tancredo e como fez essa extraordinária figura de mulher e de cristã, que é Da. Risoleta, como, aliás, toda a família.

Não queremos negar que Deus

possa fazer um milagre e, no caso, a gente até esperava porque se tratava da oração de todo um povo em favor de um homem que, nos horizontes visíveis, é insubstituível. Mas um milagre é um milagre e não uma coisa de todos os dias...

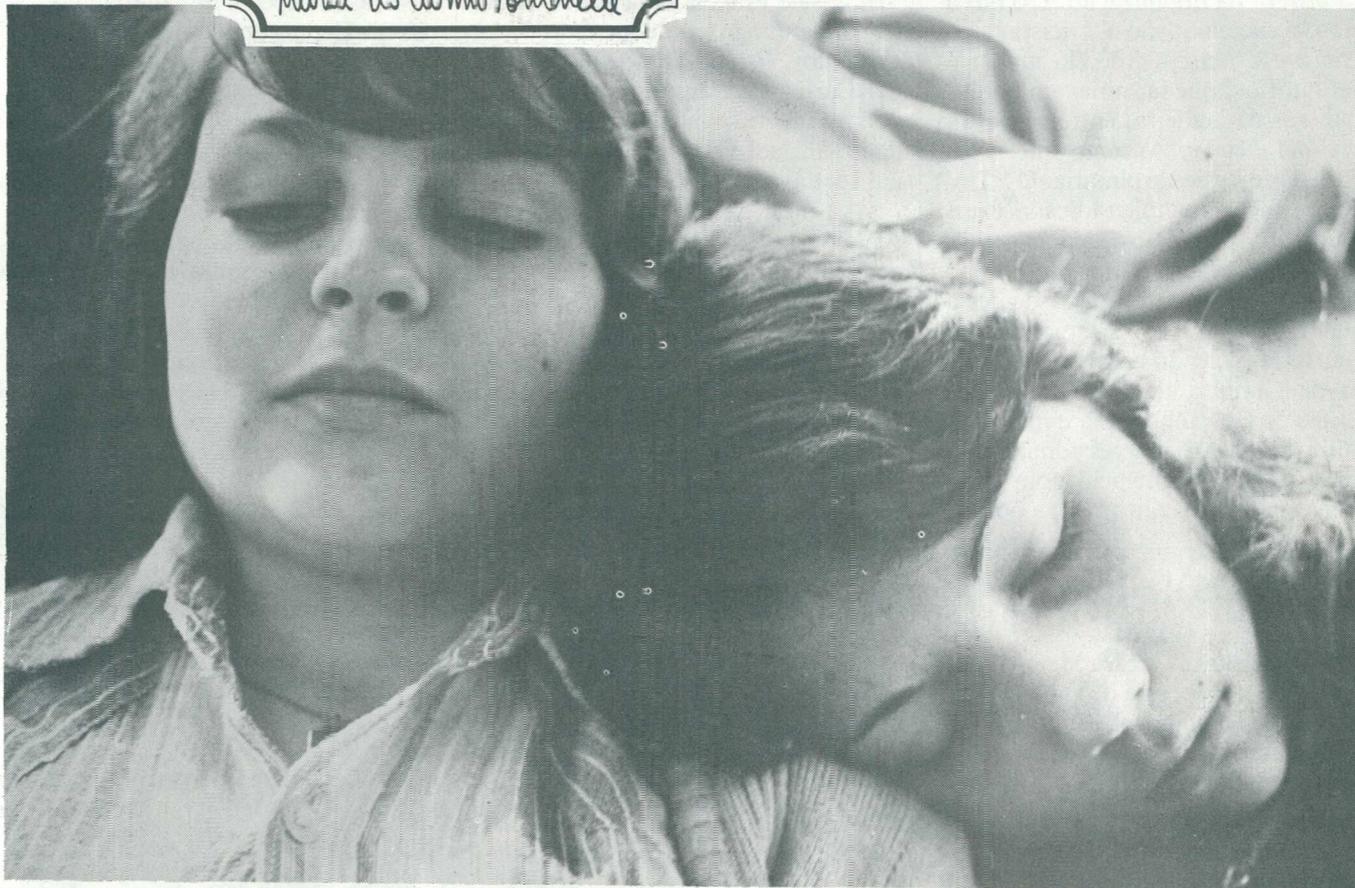
Quem sabe se o desaparecimento de Tancredo, com as lições que ele nos legou, nos fará, através do sofrimento, forjar uma democracia que ele viu e nos fez ver tão claramente, mas que precisa ser construída por nós e não ser esperada do alto, por mais que isso nos parecesse muito tranqüilo e seguro.

As orações ecumenicamente feitas e ecumenicamente respeitadas, os sofrimentos suportados numa impressionante unanimidade, certamente nos fizeram mais maduros, mais fortes e mais conscientes de que a História de um povo se faz pela sua vontade coletiva e pela Providência divina, mesmo quando esta nos deixa nas entranhas não transparentes do mistério.



Meu lar
Minha alegria

Maria do Carmo Fontenelle



Um primor de organização

São João, o profeta do perfeito amor, dizia: Amar os outros mais do que a si mesmo é o mais belo mandamento de Jesus.

Nem se pode chamar de Orfanato as 58 crianças (todas meninas) e seus "pais", Luiz e Nara Machado. Aquilo que vi, nada mais é do que uma grande, uma imensa família, que funciona dentro de uma organização e planejamento perfeitos! Foi mais uma surpresa o meu encontro com esse punhado de gente boa às voltas com o amor ao próximo.

Constituem uma entidade particular muitíssimo bem planejada. Vivem de pequenos recursos: doações, bazares e três feijoadas por ano. Logo que terminam com a feijoada (convites vendidos com antecedência) pegam os cruzeiros apurados e levam para pagar a conta da padaria, da farmácia e da papelaria, onde compram à vontade tudo que necessitam durante o ano.

As meninas são bonitas, alegres e saudáveis. Este ano, formaram-se (no Curso Normal) 4 professoras primárias: uma na Escola Pan-americana de Arte, outra na Faculdade de Química da Faria Brito, de Guarulhos. Há alunas no colegial, no ginásio, no pré-primário e no prézinho.

As 58 meninas vivem como irmãs, servindo umas às outras. Não têm empregada, somente elas trabalham, cada uma no seu setor e na sua faixa de idade.

Cada 15 dias fazem rodízio, passando o grupo da cozinha para a sala, dos dormitórios para a lavanderia, etc.

As maiores cuidam das menores como se fossem mãezinhas carinhosas. A menorzinha da casa não completou dois anos e a mais velha tem 24 anos.

O grupinho das menores é chefiado pela Natalice, que é uma menina de 14 anos. Ela acorda, faz as "suas"

meninas acordarem na hora certa, dá banho, ajuda a escovar os dentinhos e se pentear e se vestir. Ajuda na refeição, dando o alimento na boca, se for o caso. Na hora certa as menores são levadas à escolinha que fica perto. Ou até o ponto do ônibus para as maiorzinhas. Ajudam a fazer a lição de casa.

Ao chegarmos, elas tinham acabado de tomar banho, vieram à sala cumprimentar a "Tia" que estava esperando sobre elas. Chegavam perto, sem acanhamento, diziam o próprio nome e davam beijinhos.

A caçulinha Danuza, de 20 meses, é o "Xodó" das 57 irmãs. Foi fácil sentir o ambiente de amigos fraternos, e também o amor pelo casal Papai Luiz e Mamãe Nara. Eles têm toda razão de se orgulharem das filhas. E as chegam muitas vezes doentes. São levadas ao médico, seja clínico, psicólogo, psiquiatra, pediatra, dentista, etc. Conforme o caso. ▽



O Papai Luiz é o "faz-tudo", o "Pardal" da organização. É o mecânico, o encanador, o electricista, o pedreiro e o marceneiro. Há mais três voluntários, que terminavam bonitas cadeiras de madeira, entre eles o Tio Manoel e o Tio Antônio que fazem obras-primas de carpintaria. O "Tio" Antônio é espanhol, radicado em S. Paulo. É o Antônio Capdevila.

A Marina há 17 anos entrou para a casa e hoje tem um lugar de destaque na organização. É estudante universitária, fazendo atualmente o Curso de Química da Faculdade Faria Brito, de Guarulhos. Ela e mais duas outras são as três líderes administrativas que respondem pelo bom andamento da casa e confirmam a boa im-

pressão de Família Unida. Elas são a Marina, a Nice e a Natalice.

A Nice está na casa há 10 anos. Cuida de um grupo de meninas de 12 a 16 anos. Estuda Dietética no Colégio Carlos de Campos e aplica seus conhecimentos, ajudando na cozinha, na organização dos cardápios, por sinal saudáveis.

A Natalice está na casa há 9 anos. Atualmente com 15 anos, é líder das pequenas de 6 a 13 anos. Ela estuda à noite. Estava preocupada com os ingredientes para o Bolo de Cebolas.

A essa altura, o relógio já marcava 12 horas, e começamos a nos despedir. Veio então o convite, próprio das visitas de amigos: para almoçarmos com elas! Foi uma excelente refeição que agradecemos (eu e a minha

amiga Lídia.) e enviamos parabéns à equipe da cozinha.

Mas, o aspecto de família não parou aí. Depois do almoço começaram as corridinhas de um lado para outro, carregando grandes pacotes e dando risadinhas. Elas se escondiam de Nara, que fingia não perceber. Estavam ensaiando uma peça teatral, para homenageá-la no domingo seguinte, que seria o Dia das Mães.

Como não podia deixar de ser, comemos o delicioso Bolo Salgado de Cebolas, cuja receita transcrevemos para vocês experimentarem.

Nota: O endereço do Orfanato é: Casa dos Inocentes - Rua Catrimani, 333 - Cidade Patriarca (Ônibus no Metrô, Estação Tatuapé, pt. final).

Salada especial

Aproveite 1 xícara de sobras de carne, seja de vaca ou de galinha. Desfie bem e misture com o seguinte molho:

- maionese (conforme o gosto)**
- 2 colheres de pickles picadinho,**
- 1/2 xícara de cheiro-verde picado,**
- 1 colher de alcaparras picadas,**
- 6 azeitonas verdes picadas,**
- 1 colher de mostarda.**

Misture tudo e leve à geladeira até a hora de servir.

Biscoito de batata-doce

- 1 1/2 xícara de batata-doce (cozida e passada pelo espremedor)**
- 1 xícara de margarina**
- 1 xícara de açúcar**
- 2 xícaras de maizena**
- 2 colherinhas de fermento**
- 1 colher de suco de limão.**

Amasse a batata, ainda morna, com a margarina e o açúcar, até ficar bem misturada. Acrescente a maizena, aos poucos, com

o fermento e, por último, o suco de limão.

Faça cordões (como para nhoque) e corte os biscoitos. Coloque numa assadeira, untada e enfarinhada. Achate-os com um garfo e leve ao forno médio, 10 minutos, sem deixar dourar.

Bolo salgado de cebolas

(Receita obtida no Orfanato)

- 3 cebolas grandes picadas**
- 3 tomates sem pele e sem sementes**
- 1/2 xícara de óleo**
- 1 colher de salsinha picada**
- 1 folha de louro**
- Sal e pimenta ao paladar**
- 3 colheres de maizena**

- 1 xícara de farinha de trigo**
- 1 colherinha de fermento**
- 3 ovos.**

Refogue, no óleo, a cebola, o tomate e o louro. Retire do fogo, deixe esfriar um pouco. Junte os ovos, a maizena e a farinha. Misture muito bem e, por último, o fermento. Unte uma forma de bolo de furo central, ou assadeira. Leve ao forno médio por 25 minutos. Sirva quente.



"PROGRAMA SÍLVIO SANTOS"

Maria Amélia Santos Vaz

Desde pequenos os espectadores do programa "Domingo no Parque", participando de uma disputa aparentemente ingênua, vão aprendendo que só serão bons à medida em que o outro não for.

Domingo é dia de macarronada no almoço e de assistir Sílvio Santos. Pelo menos é assim que pensa uma grande parte dos brasileiros desde 62, quando o "homem do sorriso" apareceu pela primeira vez no ar. Não importa se a família está reunida ou não, se é Natal, Páscoa: a televisão estará sempre ligada.

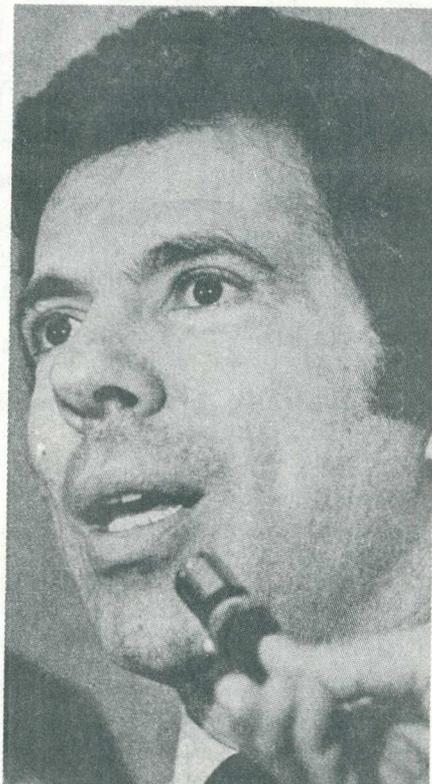
Nesses anos a vida das pessoas mudou, mas não tanto quanto a do apresentador. Este começou como camelô, fez programas na Rede Globo, mudou para a Tupi, comprou metade das ações da Record e hoje é dono do SBT, além de mais 49 empresas, até agora. Mas seu sorriso continua o mesmo. Terá ele sido mais capaz do que todos os seus telespectadores? Terá tido mais sorte? Trabalhou mais? Ou terá conseguido isso tudo graças à sua enorme bondade e satisfação por distribuir tantos prêmios?

A resposta não é simples, pois, enquanto seus assíduos espectadores passam pela crise econômica, sofrem traições, doenças e coisas normais, ele permanece inabalável. A fórmula do sucesso indica que o público tem apenas que comprar carnês e esperar pela sorte.

O próprio hino de seu programa, que todos já devem saber de cor, serve como ponto de partida para toda a ideologia que o "homem do sorriso" vem passando: "Agora é hora de alegria, vamos sorrir e cantar; do mundo não se leva nada; vamos sorrir e cantar". Será que foi assim que ele viveu todos esses anos?

1. "Domingo no Parque"

Começa às 11 horas, para prender a atenção do público infantil.



Alunos de duas escolas competem para ganhar prêmios, representadas por times de futebol — normalmente um de São Paulo e outro do Rio de Janeiro.

Essa representação é usada para que, se o aluno fracassar, não res-

pondendo a alguma das perguntas, o nome da escola permaneça intacta. Assim, em variados tipos de competição as crianças gritam, vaiam, torcem; tudo pelo prazer de conseguir ganhar um prêmio. Comportando-se da mesma forma que os adultos, em outros quadros do programa, esse já parece um tipo de treinamento para o público infantil.

Desde pequenos, participando de uma disputa aparentemente ingênua, vão aprendendo que só serão bons à medida em que o outro não for. Torcem para que o colega não responda, para que se dê mal, pois só assim ele vencerá.

"Quem quer ingressos para o Playcenter? Quem quer tênis Montreal e brinquedos Estrela?" Todos querem. Todos se esforçam para ganhar os prêmios. Além disso, parentes e amigos estão assistindo ao programa e as crianças não querem decepcioná-los.

Por outro lado, os comerciais são todos de brinquedos. Vendo aquilo, a criança automaticamente pede para que seus pais comprem. Se estes não puderem dar, há o risco de pensar que os pais são incapazes, pois o "homem do sorriso" tem tudo.

Criança bacana é esperta". Pelo menos é o que tentam passar ao mostrar as que, com pouca idade, já ganham dinheiro como artistas. São normalmente meninas que dançam e cantam como a Gretchen, têm sorriso forçado e, ao que parece, já perderam toda a espontaneidade, usadas pelos pais para exibirem-se e obter, quem sabe, um espaço na TV.

E é este o "mundo bem melhor" que o "homem do sorriso" tem para oferecer. Como um camelô, utiliza um programa divertido para atrair a atenção do público e empurrar seus produtos e dos anunciantes. •

*Redação: Maria Amélia Santos Vaz
Supervisão: L. F. Santoro*

PARA REFLETIR

1. Você concorda que na sociedade vence aquele que é mais capaz? E a competição, ou seja, derrotar o outro, é uma forma justa de subir na vida?
2. O que prende as pessoas ao programa Sílvio Santos?
3. No programa "Domingo no Parque" as crianças são estimuladas, desde cedo, a consumirem e a competir por prêmios. Que valores deveriam ser transmitidos, em sua opinião, por um bom programa infantil, voltado para a promoção humana?

BEATIFICAÇÃO DO PE. BENTO MENNI

A Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus registra, com alegria e louvor ao Senhor, a solene Beatificação do seu Fundador, Pe. Bento Menni, no dia 23 de junho de 1985.

Acontecimento da Igreja. Os santos não são pertença exclusiva de uma comunidade religiosa. Eles são riqueza da Igreja, tesouro da humanidade. Através de sua vida e suas obras, o Evangelho se torna vivo e o poder salvador que ele entranha se torna realidade e sinal para todos os homens.

Nascido em Milão, na Itália, no dia 11 de março de 1841, Ângelo Hércules (este era seu nome de batismo) foi o 5º de uma família de 15 filhos. Seus pais, profundamente cristãos, eram comerciantes. Em 1859, aos 18 anos de idade, se encontrava Hércules pela primeira vez no mundo dos enfermos, assistindo como voluntário às vítimas da frente de Magenta a 20 km de Milão, durante a guerra.

Em 1860 era admitido na Ordem dos Irmãos de S. João de Deus onde recebeu o nome de Bento Menni. Recebeu a unção sacerdotal a 14 de outubro de 1866. Acontecimentos de profunda repercussão na Igreja de Espanha haviam acontecido. Decretada a extinção das comunidades religiosas, os Irmãos de S. João de Deus são obrigados a abandonar 57 hospitais



na Espanha, Filipinas e Cuba. E são dispersos. Em 1857, com apenas 25 anos de idade, é nomeado Restaurador da Ordem Hospitaleira na Espanha. Segue para Granada com a bênção do papa Pio IX.

Os Irmãos de São João de Deus se dedicavam à assistência dos doen-

tes mentais do sexo masculino. E as mulheres? Isto preocupava o Pe. Menni. Em 1880, Josefa Récio Martin e Maria Angústias Giménez, naturais de Granada, lhe expõem sua aspiração de ingressarem na vida religiosa. E ingressaram nas Religiosas Ursulinas. Mas Deus traçara-lhes outro caminho e voltaram a Granada. A 31 de maio de 1881 o Jardim da Igreja era abençoado com mais uma família religiosa: as Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus.

Josefa Récio do SSmo. Sacramento, Fundadora da Congregação, morre a 30 de outubro de 1883, vítima de traumatismo peritoneal ocasionado pela agressão de uma doente mental.

A vida do Pe. Menni foi tão repleta de sofrimentos, quanto do seu grande amor a Jesus Crucificado, a Jesus Eucaristia e à Virgem. Morre em Dinan (França) no dia 24 de abril de 1914.

Espalhadas pelos continentes da Europa, África e América, as Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus chegaram ao Brasil em 1963.

O carisma da Congregação "TORNAR PRESENTE NO MUNDO O AMOR MISERICORDIOSO DE JESUS" é vivido na dedicada assistência aos doentes mentais, toxicômanos e alcoólatras. Seu lema é: ORAR, AMAR, SERVIR.

Sua sede é na Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima - Estrada Turística do Jaraguá, 431 - Pirituba - São Paulo - Tel. 831.4828.

Bancos, altares e móveis para igrejas.
Diversos modelos.

Só fabricamos em madeira maciça de primeira qualidade, não trabalhamos com aglomerados ou compensados.

Só trabalhamos com madeira seca (com secagem de 3 a 5 anos).

Desfrutamos de maquinário moderno, técnica altamente especializada.

Venda direta da fábrica.

Transporte próprio.

Não aceitamos pagamentos adiantados, somente após a entrega.

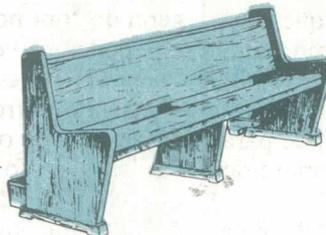
Consulte-nos sem compromisso.

OBERTIME



INDÚSTRIA DE BANCOS PARA IGREJA GENERAL CARNEIRO, PR

FÁBRICA DE ALTARES, BANCOS
E MÓVEIS PARA CAPELAS E IGREJAS



Peça catálogo ou um banco para demonstrações, ou solicite a visita de nosso representante.

Escritório, Depósito e Exposição:

R. Vieira de Moraes, 1227 - Aeroporto - CEP 04617 - São Paulo, SP.

Salas de 1 a 6 - (Fones: 2-1.1563, 241.1718, 447.2811, 447.2558 e 447.2136).

Fábrica: General Carneiro, PR

Chega de cooperar com a negação do alcoólatra!

Donald Lazo



Ou por medo, ou por insegurança, ou por desconhecimento, ou mesmo por conveniência, os membros de uma família que tem um alcoólatra (e uma em três famílias o tem!) hesitam em falar às claras com o doente. Na hora de convencê-lo a aceitar o tratamento de que tanto precisa, mesmo as pessoas que já aprenderam que o alcoolismo é uma doença RESPEITÁVEL, mas progressiva e fatal, costumam fazer rodeios.

Seria o caso de, na frente da família inteira, com carinho mas também com absoluta firmeza, dizer ao bebedor exagerado algo assim:

Querido, mais uma vez você chegou em casa embriagado ontem à noite. É a quarta vez este mês. Isto não é normal. Tudo que temos lido e aprendido nos convence de que você tem a doença do alcoolismo (dito com a naturalidade de quem confia no que está falando. Em muitas famílias, um filho é mais indicado para falar estas coisas do que a esposa do alcoólatra).

Eu sei: você insiste em que não é alcoólatra. Que você bebe quando quer e pára quando quer. Que vem exagerando um pouquinho ultimamente porque a situação não está boa. Mas nós aprendemos que todo

alcoólatra fala essas coisas. Aquilo faz parte do que apelidaram NEGAÇÃO. E não é verdade. É exatamente a negação da verdade.

É verdade que você bebe quando quer, como você costuma dizer. E talvez seja até verdade que pára quando quer. Mas acontece que, ultimamente, com cada vez mais frequência, toda vez em que você começa a beber *você não quer parar*. Pelo menos até que tenha bebido demais. E isso é sintomático de alcoolismo. Bebedores normais não fazem isso com a frequência com que você o vem fazendo. Bebedores normais fazem isso uma vez ou outra. Você faz constantemente.

Também temos aprendido que quando um bebedor diz que vem exagerando 'um pouquinho' — e todos nós podemos ver que está exagerando *muito* — esse bebedor está evidenciando outro aspecto da negação do alcoólatra: o que chamam de 'minimização'. Você já notou, querido, que você nunca diz que tomou um drinque, um gole ou um chope? Com você é sempre 'um drinquezinho', 'um golezinho' ou 'um chopezinho'. Isto é minimizar o que se bebe e é sintoma de alcoolismo. Bebedores normais não minimizam. Dizem o que

bebem. "Ontem, na festa, tomei dois uísques com soda". O alcoólatra, não. Ele diz que tomou "apenas uns (provavelmente doze) uisquezinhos".

Você também costuma dizer que vem exagerando um pouquinho ultimamente *porque a situação não está boa*. Pois, acredite ou não, meu bem, mas isso também é sintomático do alcoolismo. O alcoólatra não consegue ver as coisas como elas são. Ele vê tudo ao inverso, e sua racionalização o convence de que o que ele vê é a realidade.

Pois não é verdade que você vem bebendo demais porque a situação não está boa. A realidade é que a situação não está boa porque você vem bebendo demais. É o contrário do que você pensa. Afinal, está lembrado da vez em que você ganhou a loteria? Nunca tivemos uma situação tão boa. E nunca você bebeu tanto.

Olha, querido, agora estou lhe falando sério. Eu aprendi que a pessoa que ajuda um alcoólatra a fugir da realidade é uma facilitadora — facilitando a progressão da doença que acabará, com absoluta certeza, matando a pessoa que ela está querendo proteger. Nesta família não vamos fazer isso mais.

A partir de agora, você terá que resolver sozinho qualquer problema em que se meter por causa da bebida. Nós o iremos ajudar só em caso de você estar ferido ou fisicamente doente. E é claro que o ajudaremos de toda forma possível tão logo você se decida tratar-se. Até então, nos recusaremos a cooperar para a progressão de sua doença. •



CHÁCARA REINDAL
Especializada em
alcoolismo

Sua melhor chance de se recuperar do alcoolismo e iniciar uma vida nova, produtiva e feliz.

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

HUMOR

CEBOLINHA - (MAURÍCIO)



- VOCÊ ESTÁ VENDO? O MAR É LÁ...
ONDE ESTÃO VOANDO OS PASSARINHOS...
(GAL)

O PATO - (CIÇA)



A Palavra de Deus na Liturgia Eucarística

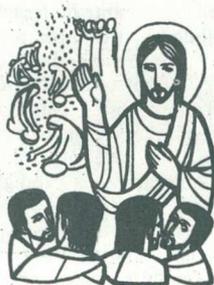
Hugo Giuriatti

Reflexões sobre a Palavra de Deus.

Breves comentários para auxiliar os fiéis cristãos a meditar e refletir em suas casas os textos bíblicos a serem proclamados e explicados nas missas dos domingos e dias santos e para maior participação na liturgia eucarística.

18º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 4/8/85

TEMA: CRISTO, ALIMENTO DA VIDA



1ª LEITURA: *Ex 16,2-4.12-15.* Já no livro do Deuteronômio (8,3-16) vemos que os profetas ensinam o povo a ler, num fenômeno natural, que se apresenta de modo excepcional, um sinal da presença de Deus. É neste sentido que a leitura de hoje encontra seu significado. Os filhos de Israel murmuram contra Moisés e Aarão, lembrando-se com saudades do tempo em que estavam no Egito, onde tinham carne e pão como alimento (vv. 2-3). Esses momentos de desânimo de-

monstram a fragilidade duma comunidade caminhante, que mais uma vez necessita duma prova divina para manter-se na fidelidade a Javé. Moisés interpreta os fatos, sendo porta-voz de Deus, que promete alimentar o povo com o maná e as codornizes. Assim é que, na tarde do mesmo dia (v. 13), apareceram as codornizes, e na manhã seguinte uma coisa miúda, em forma de grãos, parecida com a geada. Moisés lhes diz que é o pão que o Senhor dá em alimento (v. 15). Embora sendo fenômenos naturais, nas circunstâncias em que apareceram e interpretados à luz da fé, são um sinal da presença divina.

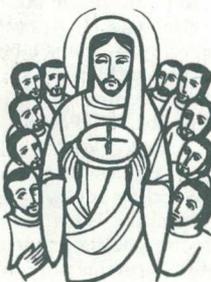
2ª LEITURA: *Ef 4,17.20-24.* O apóstolo Paulo exorta os cristãos a viver dignamente a vida que abraçaram (v. 17). Aquele que conheceu Jesus Cristo deve se diferenciar no modo de viver daquele que não aceita Cristo. De fato, que sinal somos da presença de Cristo no mundo, se nossas preocupações e pensamentos não nos levam a atitudes cristãs concretas? Em que nos diferenciamos dos não-cristãos? Que sabor cristão e que atitudes concretas de comportamento assumimos numa sociedade materializada e capitalista? São Paulo nos alerta para a remoção do homem velho (v. 22), ou seja, aquele que se dilui na busca de coisas vãs e enganosas. O convite paulino nos estimula a uma transformação e renovação espiritual, a começar pela mente, para que assim todo o corpo seja iluminado e pratique atos de Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade.

EVANGELHO: *Jo 6,24-35.* Este texto joanino vem logo após a narrativa da multiplicação dos pães (6,1-15). Jesus realizou este sinal para revelar o sentido de sua pessoa; no entanto, somente foi compreendido o sentido material do gesto de saciar a fome do povo que ali estava. Somente após a compreensão da pessoa de Jesus (e isto só será possível na fé) é que Jesus se dará como alimento. No evangelho de hoje vemos que Jesus conduz o povo a uma melhor compreensão da sua pessoa, a partir do maná que os israelitas comeram no deserto, e também da multiplicação dos pães, que anteriormente fora realizada. Jesus insiste para que se busque “não um alimento que se perde, mas que perdura até a vida eterna” (v. 27). É necessário que se acredite naquele que Deus enviou — a fé é que importa. O sinal não é mais um pão que acaba e perece, mas um pão que desce do céu e dá vida ao mundo (v. 33). Ao desejo do povo de ter sempre deste pão, Jesus declara: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome e o que crê em mim nunca mais terá sede” (v. 35).

COMENTÁRIO: A liturgia de hoje é um convite à Fé. Somente através dela poderemos ver nos fenômenos naturais um sinal da presença de Deus. Somente através dela poderemos ver em Jesus um alimento que nos sacia eternamente.

19º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 11/8/85

TEMA: FÉ COMO RESPOSTA



1ª LEITURA: *IRs 19,4-8.* Não fomos melhores, nem diferentes em nossas fraquezas humanas que Moisés e o profeta Elias. Vemos, nesta leitura, que também Elias tenta fugir, não confiando no resultado de seu serviço, e pede a morte, dizendo não ser melhor que seus pais. Reconhecendo sua fraqueza, é neste momento que intervem a força de Deus, através do anjo que lhe oferece alimento para recobrar as energias e seguir o caminho. Assim também acontece

em nossa vida cristã: muitas vezes caímos e devemos reconhecer nossas fraquezas para que Deus nos fortaleça, habitando em nosso ser à medida em que nos abrimos à sua ação santificadora. Nosso orgulho e egoísmo não nos deixam ver a necessidade que temos da graça divina, e é nessas ocasiões que nos “afundamos” cada vez mais. É necessário humildade para reconhecermos a presença e os valores do Reino. Saciado e refeito em suas forças, Elias caminha em direção ao monte Horeb, salvaguardando a aliança e restabelecendo a pureza da fé e unindo sua obra com a de Moisés, lá onde o verdadeiro Deus se revelou (v. 8).

2ª LEITURA: *Ef 4,30-5,2.* Para São Paulo, o Espírito Santo é o laço único do Corpo indiviso de Cristo, e não deve ser “entristecido” em atitudes que prejudicam a unidade desse Corpo. É assim que o cristão deverá, pois, trabalhar na edificação da Igreja. Paulo exorta o cristão a evitar o aspecto negativo: amargura, exaltação, cólera, palavra pesada e injuriosa e toda malícia (v. 31). Convida para a vivência da bondade, do perdão mútuo, a andar no amor (v. 32; 5,1). A unidade é fruto do sacrifício pessoal; assim como Cristo também nos amou e se entregou por nós a Deus como oferta e sacrifício (5,2).

EVANGELHO: *Jo 6,41-51.* Diante da multiplicação dos pães (17º Domingo do Tempo Comum) e em vista da explicação de sua pessoa (que Cristo faz no evangelho do domingo anterior), os judeus reagem. No entanto, não é uma decisão da fé, pois se questiona a origem de Jesus: “Não é ele o filho de José?” (vv. 41-42). Jesus revela que é necessário uma “atração” do Pai, para que alguém possa dirigir-se a Ele (v. 44). Esta atração é o ato da graça de Deus, dada a todos os homens, mas que, muitas vezes, não encontra ressonância nos corações das pessoas. É por isso que o pior cego é aquele que não quer ver. Vemos, pois, que a fé é impulsionada por Deus e respondida pelo homem; é o encontro do divino com o humano; uma aceitação da gratuidade de Deus. Pai e Filho unidos na mesma divindade, pois: ninguém vai ao Pai senão pelo Filho; e ninguém conhece o Filho se não se deixar atrair pelo Pai. A vida eterna possui aquele que crê no Filho (v. 47). E Jesus é o pão da vida (v. 48), pois é pão vindo do céu (v. 51). Esta realização será definitiva quando Cristo tiver dado a si mesmo em sacrifício para a vida do mundo (v. 51). “Jesus é o verdadeiro pão, não só como Palavra de Deus (vv. 32s), mas ainda como vítima oferecida em sacrifício, por seu corpo e sangue, para a vida do mundo. A palavra “carne” sugere a relação entre a eucaristia e a encarnação: o homem se alimenta do Verbo feito carne” (Nota “t” da Bíblia de Jerusalém).

COMENTÁRIO: Fica para a nossa reflexão neste domingo a seguinte pergunta: Qual tem sido minha resposta aos incontáveis benefícios que de Deus recebo?

TEMA: MARIA, IMAGEM DA IGREJA



1ª LEITURA: *Ap 11,19;12,1-6a.10ab*. Esta narrativa apocalíptica nos apresenta uma mulher dando à luz seu filho. A mulher simboliza o povo de Deus: de início, o antigo Israel, donde nasceu Jesus segundo a carne; e depois, o novo Israel, a Igreja, o Corpo de Cristo. Ambos estão sujeitos às perseguições do demônio, do satanás, aqui descrito como um dragão com símbolos de domínio. As enormes dimensões deste dragão simbolizam o poderio do mal, que

quer tudo destruir. O menino, que a mulher dá à luz, é tido como o Messias, tanto em sua realidade histórica como misticamente nos cristãos.

Já nos primeiros séculos da Igreja este trecho do Apocalipse foi atribuído à Virgem Maria. Normalmente, todos os textos bíblicos que se referem à Igreja podem ser aplicados à Virgem Maria, pois, desde a vinda do Espírito Santo, a pessoa de Maria acompanhou o início da Igreja, sendo sempre honrada e venerada por ela. Foi por ela que "atuou a salvação, o poder e a realza do nosso Deus" (v. 10).

2ª LEITURA: *1Cor 15,20-26*. Cristo é a primícia da Ressurreição. Ao afirmarmos, como São Paulo, que Cristo ressuscitou, implicitamente estamos afirmando a nossa ressurreição. Este texto paulino, utilizado na liturgia de hoje, quer professar a fé na ressurreição de Maria, a festa da Assunção que celebramos. Visto que por um homem veio a morte (Adão), também por um homem (Cristo) vem a ressurreição dos mortos. Cristo é vencedor da morte, mas ele não se pode dizer tal se não vencer também naqueles que são seus, isto é, todo o seu reino, o seu povo deve vencer a morte. Quando se fala de morte-vida, a perspectiva não é somente física e biológica, mas envolve o homem inteiro: morte espiritual do pecado, vida ressuscitada na justiça e no amor. Paulo não trata da ressurreição dos pecadores como afirma Jo 5,29 e At 24,15.

EVANGELHO: *Lc 1,39-55*. A conceição de Isabel, já em sua velhice, era o sinal que Deus (para quem nada é impossível) tinha preparado para Maria como ratificação de sua própria vocação para a maternidade messiânica. Sua disponibilidade é física, cronológica, porém ao mesmo tempo revela uma grande prontidão de espírito. Maria, alegre, cheia de esperança, vai à procura dos sinais de Deus. Ela é aclamada "Bendita entre todas as mulheres" (v. 42); "Mãe de meu Senhor" (v. 43); "Feliz, tu que acreditaste" (v. 45). Isabel é a figura de quem reconhece e acolhe a salvação de Deus. Maria é a primeira portadora do Evangelho, que inicia sua caminhada pelo mundo.

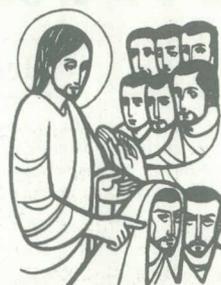
É então que Maria canta o Magnificat — expressão e confissão de sua fé. Busca inspiração no cântico de Ana (1Sm 2,1-10) e em muitas outras passagens do Antigo Testamento. São dois grandes temas extraídos deste canto: de um lado, os pobres e pequenos socorridos, em detrimento de ricos e poderosos; doutro lado, Israel, objeto da graça de Deus, depois da promessa feita a Abraão.

COMENTÁRIO: Maria, glorificada na Assunção, é a criatura que atingiu a plenitude da salvação, até a transfiguração do corpo. É a mãe que nos espera e convida a caminhar para o reino de Deus. O dogma da Assunção foi definido no ano de 1950, durante o pontificado de Pio XII. Celebramos, hoje, em Nossa Senhora, a realização do Mistério pascal. Sendo Maria a "Cheia de Graça", quis o Pai associá-la à ressurreição de Jesus.

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DA SEMANA

Dia 1 de agosto — 5ª-Feira: 1ª Leitura Ex 40,14-19.32-36, Evangelho Mt 13,47-53; **Dia 2** — 6ª-F.: 1ª L. Lv 23,1.4-11.15-16.27.34b-37, Ev. Mt 13,54-58; **Dia 3** — Sáb.: 1ª L. Lv 25,1.8-17, Ev. Mt 14,1-12; **DOM.**; **Dia 5** — 2ª-F.: 1ª L. Nm 11,14b-15, Ev. Mt 14,13-21; **Dia 6** — 3ª-F.: 1ª L. Dn 7,9-10.13-14, 2ª L. 2Pd 1,16-19, Ev. Mc 9,1-9; **Dia 7** — 4ª-F.: 1ª L. Nm 13,2-3a.26; 14,1.26-29.34-35, Ev. Mt 15,21-28; **Dia 8** — 5ª-F.: 1ª L. Nm 20,1-13, Ev. Mt 16,13-23; **Dia 9** — 6ª-F.: 1ª L. Dt 4,32-40, Ev. Mt 16,24-28; **Dia 10** — Sáb.: 1ª L. 2Cor 9,6-10, Ev. Jo 12,24-26; **DOM.**; **Dia 12** — 2ª-F.: 1ª L. Dt 10,12-22, Ev. Mt 17,21-26; **Dia 13** — 3ª-F.: 1ª L. Dt 31,1-8, Ev. Mt 18,1-5.10.12-14; **Dia 14** — 4ª-F.: 1ª L. Dt 34,1-12, Ev. Mt 18,15-20; **Dia 15** — 5ª-F.: 1ª L. Js 3,7-10a.11.13-17, Ev. Mt 18,21-19,1; **Dia 16** — 6ª-F.: 1ª L. Js 24,1-13, Ev. 19,3-12; **Dia 17** — Sáb.: 1ª L. Js 24,14-29, Ev. Mt 19,13-15; **DOM.**; **Dia 19** — 2ª-F.: 1ª L. Jz 2,11-19, Ev. Mt 19,16-22; **Dia 20** — 3ª-F.: 1ª L. Jz 6,11-24a, Ev. Mt 19,23-30; **Dia 21** — 4ª-F.: 1ª L. Jz 9,6-15, Ev. Mt 20,1-16a; **Dia 22** — 5ª-F.: 1ª L. Jz 11,29-39a, Ev. Mt 22,1-14; **Dia 23** — 6ª-F.: 1ª L. Rt 1,1.3-6.14b-6.22, Ev. Mt 22,34-40; **Dia 24** — Sáb.: 1ª L. Ap 21,9b-14, Ev. Jo 1,45-51; **DOM.**; **Dia 26** — 2ª-F.: 1ª L. 1Ts 1,2-5.8b-10, Ev. Mt 23,13-22; **Dia 27** — 3ª-F.: 1ª L. 1Ts 2,1-8, Ev. Mt 23,23-26; **Dia 28** — 4ª-F.: 1ª L. 1Ts 2,9-13, Ev. Mt 23,27-32; **Dia 29** — 5ª-F.: 1ª L. 1Ts 3,7-13, Ev. Mt 24,42-51; **Dia 30** — 6ª-F.: 1ª L. 1Ts 4,1-8, Ev. Mt 25,1-13; **Dia 31** — Sáb.: 1ª L. 1Ts 4,9-11, Ev. Mt 25,14-30.

TEMA: SENHOR, NÓS CREMOS



1ª LEITURA: *Js 24,1-2a.15-17.18b*. Esta primeira leitura é tirada do último capítulo do livro de Josué, quando este, prestes a morrer, convoca a grande assembléia em Siquém. Siquém era uma região central, que facilitava a reunião das tribos e, pelo seu passado importante, fora predestinada para a conclusão deste pacto religioso: foi ali que Abraão ergueu um altar (Gen 12,6-7); Jacó adquiriu ali seus direitos (Gen 33,18-20) e lançou fora os ídolos trazidos da Me-

sopotâmia.

Josué demonstra toda sua liderança religiosa diante de Israel, colocando o povo diante de suas responsabilidades. Relembra as etapas fundamentais da história da salvação (24,2-13). Em seguida lança uma questão ao povo: se querem servir a Javé, ou aos outros deuses, seja dos amorreus, seja aqueles aos quais serviram vossos pais do outro lado do rio (v. 15). Josué, em seu nome e em nome de sua casa, dá testemunho de fidelidade a Javé. O povo escolhe Javé, e novamente é renovada a aliança de fé, recordando a libertação, os prodígios e a proteção por Deus realizados em favor de Israel (vv. 16-18).

2ª LEITURA: *Ef 5,21-32*. Neste texto da carta aos efésios, Paulo nos dá um pequeno tratado de moral familiar, onde vemos os deveres da esposa (vv. 22-24) e do esposo (vv. 25-33). O fio condutor do comportamento é sempre a conduta de Cristo relacionado com sua Igreja.

Os vv. 23-32 estabelecem, entre o casamento humano e a união de Cristo com a Igreja, um paralelo em que os dois termos comparados se esclarecem mutuamente; pode-se dizer que Cristo é esposo da Igreja, porque é seu chefe e a ama como a seu próprio corpo, assim como acontece entre marido e mulher. Esta comparação, uma vez admitida, fornece, por seu lado, um modelo ideal para o casamento humano. O simbolismo dessa imagem tem as suas raízes profundas no Antigo Testamento, que representa muitas vezes Israel como a esposa de Javé" (nota "m" da Bíblia de Jerusalém). A relação marido-mulher deve ser fundamentada no temor do Senhor e no amor mútuo. Por isso Paulo evoca Gn 2,24: "Por isso deixará o homem o seu pai e a sua mãe e se ligará à sua mulher, e serão ambos uma só carne"; respaldando aqui a indissolubilidade do matrimônio cristão.

EVANGELHO: *Jo 6,60-69*. Ainda na perspectiva do discurso sobre o Pão da Vida, após a multiplicação dos pães, vemos hoje a confissão de fé do apóstolo Pedro, opondo-se à atitude dos discípulos que não mais seguiram o mestre. Muitos discípulos não se tinham deixado iluminar pela luz da fé, e para eles as palavras de Jesus eram duras (v. 60).

As palavras de Jesus são espírito e vida; por isso aqueles que se deixam guiar pelas leis da "carne" não entendem a mensagem messiânica. Como aceitar a realidade da ressurreição senão pela fé? Se as palavras de Jesus são duras, que se dirá "quando virdes o Filho do Homem subir aonde estava antes?" (v. 62). Muitos não crêem, pois não se deixaram atrair pelo Pai. O Pai concede esta graça a todos. No plano amoroso de Deus, não há privilegiados, mas na liberdade humana muitos não querem corresponder a esta graça concedida. Contrapondo-se à atitude daqueles que não crêem, Pedro expressa sua fé na pessoa de Cristo. Ser discípulo significa aceitar a cada dia o mistério de Jesus.

SIM, EU TAMBÉM
VOU SER PADRE



Para me consagrar ao serviço
do Reino de Deus, que é
verdade, justiça, paz, amor,
fraternidade e alegria.

Para tomar a defesa dos
marginalizados, dos sem fé,
sem amor, sem esperança,
sem liberdade, sem justiça,
sem comida, sem casa, sem
escola, sem saúde, sem
emprego, sem voz, sem vez,
sem presente e sem futuro.

Para me dedicar à salvação
do homem inteiro e de todos
os homens, meus irmãos.

Você está pensando como
esse jovem? Então, junte-se
a nós porque ele já é um
dos nossos.

PADRES DE SION

INFORMAÇÕES

Secretariado Vocacional de Sion
Rua Lino Coutinho, 444
Fone: (011) 63-7489
04207 - São Paulo, SP

A vocação missionária - 9

Todos os tipos de gente (III)

Frederico Datler, SVD

O comodista no colégio apostólico era **Filipe**. De boa índole, recebia o convite de Jesus na primeira hora (Jo 1). Foi o primeiro convocado diretamente pelo Nazareno. Falando depois com Natanael, não se ofendia com a ironia deste em relação ao pessoal de Nazaré, limitando-se a observar: "Vem e vê".

Para tirá-lo da apatia em face dos problemas diários, Jesus pergunta-o antes da multiplicação dos pães, só para despertar-lhe o interesse:

— Onde arranharemos comida para tanta gente?

— Não sei; 200 denários de pão não bastariam para cada um receber um pedacinho. — Enquanto isso, **André** já tinha procedido a um levantamento dos recursos, sem que ninguém o empurasse; mas era um tipo diferente, um homem prático e realista.

Já pelo final do terceiro ano, Jesus achava-se no templo, quando uns pagãos da Galiléia queriam falar com Jesus. Dirigiram-se justamente a Filipe que conheciam. Este ficou alarmado: Aqui, no recinto do templo, mexer com pagãos e levá-los a Jesus! Esta não. Falou, portanto, com André para ele poder tirar o corpo fora (Jo 12).

Terminada a ceia, referindo ao Pai, Jesus afirmava tranquilamente: "Desde agora já o conheceis e o vistés" (Jo 14). Era demais para Filipe: "Eu não vi nada!" — e, falando alto:

— Senhor, mostra-nos o Pai, que isto nos basta!

— Há tanto tempo que estou convosco e tu não me estás conhecendo? Filipe, quem me viu, viu o Pai; como podes perguntar: mostra-nos o Pai? Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim?

Tomé era uma criatura introvertida, cheia de angústias, um pessimista sarcástico. Gente deste estofe é ultralógica e racionalista. Em caminho para Jerusalém, os discípulos tentaram prevenir a Jesus (Jo 11):

— Rabi, há pouco os judeus queriam apedrejar-te e vais outra vez para lá?

Não cedendo Jesus aos receios dos seus, Tomé limitava-se a observar sarcasticamente:

— Que fazer? Resta-nos ir e morrer com ele. Paciência!

Na ceia, pouco antes da refrega com Filipe, Jesus dissera: "Para onde eu vou, conheceis o caminho". Tomé, por sua vez, não achou muito lógico e interveio.

— Senhor, nem sequer sabemos para onde vais; como então poderemos conhecer o caminho?

Preso Jesus e condenado, Tomé retirara-se para um canto para remoer as suas mágoas. Depois da ressurreição, nos olhos de Tomé, os discípulos deixaram-se iludir pelas mulheres visionárias a respeito do Ressuscitado. Pobres vítimas, sem critério! Eu quero provas! Recebeu as provas e fez a sua profissão de fé, embora não exemplar para os futuros crentes.

Jesus escolheu vários tipos e conseguiu lidar com todos eles, respeitando-lhes as índoles e as personalidades. Cada um dos Apóstolos se realizou dentro das suas capacidades. Nada de uniformização artificial e asfixiante.

4

NOVOS LANÇAMENTOS

QUATRO NOVOS LIVRETOS (COLEÇÃO "COERÊNCIA E VIDA")
DA EDITORA "AVE MARIA"

Nº 1 — FÉ E SACRAMENTOS

Nº 2 — TEMPO DE IGREJA

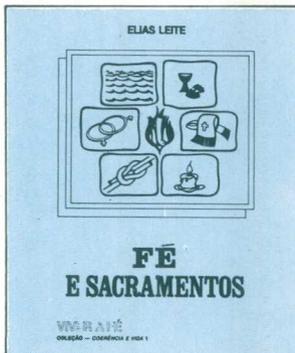
Nº 3 — MARIA E OS SANTOS

Nº 4 — PARÁFRASES E PARÁBOLAS

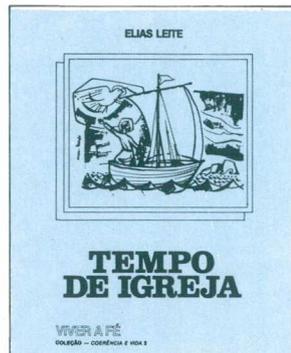
SÍNTESE DE TEMAS IMPORTANTES E
NECESSÁRIOS PARA O DESENVOLVIMENTO
E A VIVÊNCIA DA FÉ.

ESTA COLEÇÃO É ÚTIL PARA PREPARAR REUNIÕES E PALESTRAS,
PROMOVER REFLEXÕES, AUXILIAR A CATEQUESE, ESCLARECER
TEMAS DA DOCTRINA CRISTÃ, ETC.

O objetivo desta coleção é auxiliar o cristão em sua reflexão religiosa e em sua permanência na aliança com Deus e com seu povo.



O primeiro fascículo desenvolve o tema da Fé e dos sacramentos. O intuito é esclarecer a consciência cristã sobre a própria Fé, para que o cristão a transforme em vida e a viva plenamente. E concomitantemente a celebre nos sacramentos.

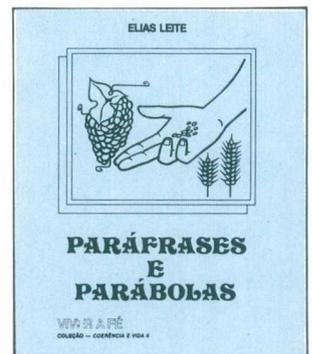


O segundo fascículo abrange os tempos fortes do calendário litúrgico como também os momentos importantes da vida da família e as influências do meio e das situações que a cercam.

O terceiro fascículo aborda a posição de Maria na participação dos mistérios da Salvação e na vida da Igreja. Também enfoca a vida de alguns santos, irmãos nossos, como fruto de uma vivência do Evangelho e de sua participação de fidelidade ao plano do Pai.



O quarto fascículo traz um desenvolvimento das parábolas de Jesus numa linguagem literária, ajudando-nos a descobrir a riqueza que existe na linguagem pedagógica do Nazareno.



Esta coleção, série de artigos propositadamente curtos — para quem não tem tempo de ler longos tratados — publicados na revista "AVE MARIA" na década 73-83, favorece e facilita o estudo e a compreensão dos temas centrais da nossa Fé e se torna instrumento excelente como leitura de reflexão e catequese.

PEDIDOS (PELO REEMBOLSO POSTAL): (Cr\$ 3.000 cada livro)
LIVRARIA "AVE MARIA"
CX. POSTAL 54.215 — CEP 01227. SÃO PAULO, SP